



# O automóvel. Senhor das cidades. Sedução, mobilidade e individualismo

## Editorial

*O automóvel é algo tão presente nas nossas vidas e na vida das nossas cidades que, poucas vezes, paramos para pensar no seu significado. A sua*

*onipresença cultural faz com que não percebamos quão sedutor ele é. Ele nos dá a ilusão da mobilidade, mesmo quando passamos um enorme tempo engarrafados nas ruas e avenidas das nossas cidades. Ele, no entanto, é o senhor da cidade. O espaço urbano é, cada vez mais, hegemônico pelo automóvel em desprezo do transporte público e de massa. Mais: até que ponto ele instaura uma nova sociabilidade? Enfim, o automóvel, útil, móvel, sedutor, anárquico e ditador é o tema de capa do **IHU On-Line** desta semana.*

*Para nos ajudar nesta reflexão, contamos com as entrevistas do Prof. Dr. Guillermo Gucci, professor da UERJ, da Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Ana Fani Alessandri Carlos, livre docente da USP, do Prof. Dr. Philip Oliver Mary Gunn, professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e do Prof. Dr. Andrew Feenberg, professor de Filosofia na Universidade de San Diego, nos EUA e pesquisador de Filosofia da Tecnologia na Escola de Comunicação da Universidade Simon Fraser, no Canadá.*

*Por sua vez, filosofia da ciência, transgênicos e globalização é o tema da entrevista de Hugh Lacey, professor de Filosofia no Swarthmore College, na Pensilvânia, nos Estados Unidos.*

Nesta semana, o IHU encerra o Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, falecido há vinte anos. A conferência de encerramento do ciclo será proferida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia Junior, do Departamento de Filosofia da Unicamp, no dia 24 de junho. O tema da conferência é "Foucault e a arqueologia da sociedade contemporânea". No mesmo dia, quinta-feira, às 17h30min, no IHU Idéias, o prof. Oswaldo Giacoia Junior proferirá a conferência "Limites éticos da pesquisa científica: reflexões a propósito da genética".

A todas e todos, uma ótima leitura e uma excelente semana!

## O AUTOMÓVEL: ÚTIL, SEDUTOR, ANÁRQUICO, DITADOR

### Entrevista com Guillermo Gucci

O objeto automóvel ultrapassou o valor de uso. Seu futuro está ligado às limitações institucionais, mercadológicas ou ambientais, mas ele continua sendo associado à idéia de liberdade, à fuga do cotidiano monótono. Alterou radicalmente a forma de nos relacionarmos com a distância. Transformou a natureza em uma atração turística a ser captada pelo olhar. Exacerbou o individualismo, eliminou a figura do caminhante urbano, ofereceu-nos o deslocamento infinito e impôs às cidades a permanente adaptação ao imperativo da mobilidade. Gerou engarrafamentos anárquicos e por isso, contraditoriamente, nos induz a ficar em casa. Sua figura é indissociável da cultura humana. É o que nos diz Guillermo Francisco Gucci Schmidt, a quem entrevistamos por e-mail. Professor no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Guillermo Gucci é graduado em História, mestre em Humanidades e doutor em Letras pela Stanford University, nos Estados Unidos. É autor de **Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992; **Sem fé, lei ou rei: Brasil 1500-1532**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993; **Fiera de Amor. La otra muerte de Delmira Agustini**. Montevideu : Vintén, 1995; **A vida cultural do automóvel. Percursos da modernidade cinética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004 – obra que motivou esta entrevista. É também organizador de, entre outros, **Brasil - EUA. Antigas e novas perspectivas sobre sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Leviatã, 1994; e **Casa-grande & Senzala / Gilberto Freyre - Edição crítica**. Paris: ALLCA, 2002.

**IHU On-Line - O que determinou o seu interesse pelas relações da cultura com o automóvel, considerando que todas as grandes invenções produziram mudanças culturais significativas? Por que o senhor voltou-se especificamente para o automóvel?**

**Guillermo Gucci** - No decurso de meus estudos sobre a cultura dos anos 1920, deparei-me muitas vezes com a expressão *Machine Age* (A Era da Máquina). Isso despertou meu interesse para a questão da relação entre o ser humano e a máquina, entre literatura e maquinismo. Através dos imaginários da mecanização, pesquisei os repertórios culturais de 1900 a 1940. A máquina emergia como o signo da modernidade, alimentando projeções do futuro, alterando as formas de convivência cotidiana nas cidades e constituindo novos repertórios estéticos e imaginativos. A máquina era um objeto a ser conquistado, celebrado ou repudiado. A quantidade de documentação era tamanha, e tão extraordinária, especialmente em relação ao automóvel, que justificava um livro independente. Só o automóvel oferecia uma série de vantagens que o tornava incomparável com outras máquinas. Diferentemente do telefone residencial, da televisão e do computador, era altamente visível. Visibilidade dupla, externa e interna, o que é muito importante no processo de transferências psíquicas, de modo que é comum o indivíduo "se achar" dentro de um automóvel. Diferentemente do bonde, do ônibus e do avião, o carro era um objeto particular que funcionava como um símbolo de distinção.

Finalmente, era uma máquina que conferia ao motorista um tremendo sentimento de poder sobre o tempo, o espaço e os pedestres.

***IHU On-Line* - No livro, o senhor escreve que a partir desse tipo de veículo, “configuram-se diferentes tradições frente ao natural”. Pode-se dizer que essa máquina aproximou o homem das coisas naturais?**

**Guillermo Giucci** - Inicialmente foram destacados dois aspectos do automóvel: a utilidade e a liberdade. Eram salientadas suas virtudes em relação ao animal e ao trem, assim como o sentimento de independência do viajante. Sem horários fixos e rotinas, o automóvel surgia como instrumento de liberdade. Essa liberdade contribuiu para transformar a natureza numa atração turística a ser capturada seja pelo olhar, seja pela fotografia. O automóvel foi importante na estruturação da visão do turista moderno, já que era uma possibilidade de fuga da monótona experiência cotidiana. Por outro lado, o automóvel acelerou a substituição do cavalo como meio de transporte. No entanto, à medida que o cavalo perdia a sua função de trabalho, aumentava a sensibilidade dos cidadãos urbanos à sua presença. Nesse sentido, o automóvel transformou o cavalo num objeto de contemplação, o olhar passou a apreciá-lo com uma clara tendência à estetização.

***IHU On-Line* - A sua obra registra algumas referências que, desde os primórdios da indústria automobilística, vieram sendo feitas às suas características intrinsecamente capitalistas, exploradoras e desumanas. Entretanto, a relação automóvel-capitalismo foi, de maneira geral, desbordada por artistas que, na suas obras, criticavam a sociedade capitalista, ou as suas decorrências. À luz das suas pesquisas, como essa contradição pode ser explicada?**

**Guillermo Giucci** - Desde o Futurismo italiano<sup>1</sup>, o automóvel se constituiu numa extensão protética do ser. O exemplo máximo, na atualidade, desta união mística é a do carpinteiro português que copiou a forma da Mercedes no caixão fúnebre de madeira. Utilizou o argumento de que sua Mercedes era o objeto que ele mais amava no mundo e que conseqüentemente gostaria de ser enterrado no seu interior. O bom carro tem essa virtude, a de metamorfosear o sujeito numa “aducriança”, (mistura de adulto e criança) em estado fetal, protegida das ameaças do mundo externo. De modo contrário, outros movimentos de vanguarda, como o Dadaísmo<sup>2</sup> e o Surrealismo<sup>3</sup>, aproveitaram a figura do automóvel para denunciar a alienação

---

<sup>1</sup> Movimento modernista lançado por Marinetti (Filippo Tomaso Marinetti - 1876-1944), e que se baseia numa concepção ex dinâmica da vida, voltada para o futuro, e combate o culto ao passado e à tradição, o sentimentalismo. Prega o amor às formas concisas e velozes. É nacionalista e antipacifista (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>2</sup> Formado em 1916 em Zurique por jovens franceses e alemães, o Dada foi um movimento de negação. Fundaram um movimento literário para expressar suas decepções em relação a incapacidade da ciências, religião, filosofia que se revelaram pouco eficazes em evitar a destruição da Europa. Dada é uma palavra francesa que significa na linguagem infantil "cavalo de pau". Esse nome escolhido não fazia sentido, assim como a arte que perdera todo o sentido diante da irracionalidade da guerra. Sua proposta é que a arte ficasse solta das amarras racionalistas e fosse apenas o resultado do automatismo psíquico, selecionado e combinando elementos por acaso. Sendo a negação total da cultura, o Dadaísmo defende o absurdo, a incoerência, a desordem, o caos. Politicamente, firma-se como um protesto contra uma civilização que não conseguiria evitar a guerra (Nota do *IHU On-Line*, com informações retiradas do sítio [www.historiadaarte.com.br](http://www.historiadaarte.com.br)).

<sup>3</sup> O Surrealismo é a última das vanguardas européias, que sucede ao Dada radicalizando suas propostas de liberdade, anti-convencionalismo e anti-tradição dos valores da cultura ocidental. Recorre aos temas fornecidos pelo inconsciente e subconsciente: o acaso, a loucura, os sonhos, as alucinações, o delírio ou o humor. Trouxe grandes contribuições com novos meios e fontes de inspiração artística e fazer artístico. Tem origem com a publicação do "Manifesto do

crecente do ser humano. Nesse contexto, o tema da violência adquire um interesse particular. A relação entre tecnologia e violência é inquestionável, como sabemos através da história da aviação e outros inventos modernos. O automóvel sempre foi uma “máquina assassina”, em particular devido à falta de atenção e ao estresse de motoristas e pedestres (também estes são responsáveis por muitos acidentes de trânsito). O automóvel provoca uma violência psicológica refletida no medo da possibilidade do acidente – que J.G. Ballard<sup>4</sup> aproveita com intensidade em suas imagens literárias. Como foi entendida por uma longa lista de pensadores, desde Freud até Virilio<sup>5</sup>, a modernidade cinética seria impensável sem o acidente e seus traumas.

**IHU On-Line - A sua pesquisa abrange o período compreendido entre os anos 1900 a 1940. Passados 60 anos, o senhor acha que a importância cultural do automóvel manteve-se a mesma? Ele ainda é um importante veículo indutor de novas percepções sensoriais e existenciais?**

**Guillermo Giucci** - O automóvel, em particular o importado, continua sendo um importante cartão de visita, seja para eventos sociais, seja para negócios, seja para paqueras, especialmente em sociedades periféricas. O carro também preservou a sua função de proporcionar ao proprietário uma elevada auto-estima. No momento, estamos no período da “pós-maturidade”. Em outras palavras, no sistema de signos que sacrifica o valor de uso e o valor de troca em benefício da diversificação e da sedução. Definitivamente, o objeto automóvel ultrapassou o valor de uso nas últimas décadas. O futuro do automóvel tem menos a ver com o objeto fabricado em si, que com as limitações de caráter institucional, mercadológicas e ambientais. Jorge Okubaro, em seu livro *O automóvel, um condenado?*<sup>6</sup>, mostra que, embora nada supere a importância do automóvel, este vem perdendo sua antiga força.

**IHU On-Line - Entre as citações às quais o senhor recorre, há uma referência a uma passagem de um conto de Julio Cortázar<sup>7</sup>, utilizada para demonstrar como a presença do automóvel sempre foi marcante. Outro conto de Cortázar, denominado *A Auto-Estrada do Sul*<sup>8</sup> que narra um congestionamento monstruoso nos arredores de Paris é, de maneira geral, referido como uma metáfora da alienação e da solidão contemporâneas, expressas na relação individualista entre o homem e seu automóvel. O senhor considera que o automóvel exacerbou o individualismo? Essa questão é relevante, frente à importância cultural do automóvel? Qual é o lugar do automóvel na sociedade contemporânea?**

---

Surrealismo", de André Breton, em 1924 (Nota do *IHU On-Line*, com informações retiradas do sítio [www.surrealismo.net/](http://www.surrealismo.net/)).

<sup>4</sup> Escritor de ficção científica britânico J. G. Ballard, mais conhecido como o autor do romance autobiográfico *Império do Sol*, adaptado ao cinema por Steven Spielberg, lançado em 1987. (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>5</sup> Paul Virilio, urbanista e filósofo francês, nascido em 1932. Estuda e critica efeitos perniciosos da velocidade nas relações sociais contemporâneas, desde os seus reflexos no processo cognitivo até suas implicações na política. É autor, entre outros, de *Guerra Pura*. São Paulo: Brasiliense, 1984; *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993; *A máquina de visão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994; *Velocidade e Política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996; *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999. (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>6</sup> Publicado em São Paulo, pela Editora Senac, em 2001 (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>7</sup> Escritor argentino (1914-1984), professor de Literatura. Exilou-se em Paris. Cortázar faz uma ruptura com o realismo, é influenciado pelos surrealistas franceses e abre as portas à ficção fantástica. Autor de 22 livros, dos quais um dos mais conhecidos e prestigiados é *O jogo da amarelinha*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999. *Rayuela* é o seu título original, tendo sido publicado em 1963 (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>8</sup> Conto publicado no livro *Todos os Fogos o Fogo*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002 (Nota do *IHU On-Line*).

**Guillermo Giucci** - Sem dúvida, o automóvel exacerbou o individualismo. No conto, *A Auto-Estrada do Sul*, Cortázar, como fiel herdeiro do Surrealismo, criticou a aparente racionalidade do trânsito para tematizar a solidão humana. Cortázar fez uma interpretação surreal de um fenômeno cotidiano. De fato, temos cada vez mais mobilidade, e isso obriga a um deslocamento infinito. Trabalho, escola, igreja, médicos, cinema, restaurantes, a sociedade moderna se organizou para sair de casa. A figura do *flâneur*, o caminhante urbano, corresponde ao passado, como notaram com tristeza diversos cronistas já na primeira metade do século XX. No seu lugar, entrou o “autôner”, inundando a cidade de ônibus, carros, motocicletas, táxis, camionetes, etc. Isso gera um excesso insuportável de veículos e a crescente vontade de ficar em casa. Os estudos mostram um aumento extraordinário do entretenimento doméstico nas últimas décadas, enquanto transitar pela cidade passou a ser visto como uma obrigação. A cidade tem que se adaptar ao imperativo da mobilidade, que não tem fim. Um dos resultados desse crescimento anárquico são os engarrafamentos. É um círculo vicioso.

**IHU On-Line** - Referindo-se à alemã Clara Stinnes, que percorreu o mundo de automóvel no final dos anos 1920, o senhor, depois de registrar a superficialidade dos seus escritos de viagem, assinala que “*estar em outro lugar é o que há de interessante para essa viajante alemã*”. Essa evidência não estaria a antecipar uma característica da sociedade contemporânea, associada à velocidade, cujo símbolo é o automóvel?

**Guillermo Giucci** - O automóvel mudou a forma de nos relacionarmos com a distância. Lugares antes considerados afastados tornaram-se passíveis de serem visitados em pouco tempo. Diferentemente de Madame Bovary<sup>9</sup> que imaginava uma vida alternativa sem sair do seu país, o viajante pensa a possibilidade de mudar a repetição do cotidiano, transportando-se fisicamente para outro lugar. O mundo, transformou-se para Clara Stinnes num outro lugar a ser percorrido pelo automóvel. No entanto, era difícil pensar na década de 1920 que os caminhos que levavam à alteridade se transformariam nas auto-estradas que, segundo o antropólogo francês Marc Augé, são símbolos de não-lugares, o que significa dizer que o movimento na supermodernidade se dissocia da memória.

**IHU On-Line** - Na sua opinião, a cultura do automóvel não adquiriu características heterônimas?

**Guillermo Giucci** - A modernidade implica a mobilidade. Em diversos países de América Latina, o lema é semelhante: *Governar é abrir caminhos*. Mas cada país se adaptou ao imperativo da mobilidade de modos distintos. A produção cultural acompanhou atentamente as mudanças nos ritmos urbano e rural. No caso do Brasil, o modernismo paulista aproveitou as imagens tecnológicas com suma originalidade. A particular combinação de modernização e tradição foi trabalhada por Mário de Andrade em *Macunaima*. Sob a perspectiva da tecnologia da mobilidade, Mário captou traços da “identidade nacional”. Misturou o discurso mitológico e antropológico, criou uma linguagem nacional-popular e registrou o interesse do brasileiro pelo automóvel, que surge no livro sob a forma de uma onça mecânica: “Anda sempre com roda nos pés, motor na barriga, purgante de óleo na garganta, água nas fuças, gasolina no osso-de-Pai-João, os dois vagalhões na boca e o capote de folha de banana-figo cobrindo, ai ai! Prontinha para chispar.... É a máquina automóvel.” A história cultural do automóvel no Brasil,

---

<sup>9</sup> Personagem do romance *Madame Bovary*, do escritor francês Gustave Flaubert. Madame Bovary é uma mulher desesperançada e sonhadora, presa a um casamento insípido. De maneira geral, o livro é considerado uma das maiores realizações do romance ocidental. No Brasil, uma das muitas edições foi publicada em São Paulo, pela editora Nova Alexandria, 1993 (Nota do *IHU On-Line*).

especialmente na primeira metade do século XX, confirma a tese de Roberto DaMatta exposta na idéia “Sabe com quem está falando?” Quem possui um automóvel é uma pessoa com uma clara consciência de posição social, do particular e do hierarquizado.

***IHU On-Line - O senhor gostaria de acrescentar outros comentários, destacando outros aspectos da “vida cultural do automóvel”?***

**Guillermo Giucci** - Temos muitas “histórias do automóvel” do ponto de vista da indústria. Tendem a ser histórias “técnicas”, quando não “gloriosas”, em particular na primeira metade do século XX. Geralmente se examina, com menor ou maior acuidade, o tema da evolução das mudanças técnicas dos diversos modelos e marcas. Meu objetivo, pelo contrário, era apresentar uma história “cultural” do automóvel, traçar repertórios transnacionais e, ao mesmo tempo, examinar a função da tecnologia da mobilidade nos países periféricos, especialmente em romances, contos, poemas, ensaios, na imprensa e na propaganda. No livro, examino várias representações “brasileiras” do automóvel, em particular na literatura e na música. Tais representações ilustram o processo de internacionalização da cultura moderna, pois a chegada do carro aos diversos países gerou problemas semelhantes, embora as respostas sempre sejam uma manifestação das especificidades do contexto nacional e regional. Não existe nenhuma música como *Fon-Fon*<sup>10</sup> em outros países, mas a produção cultural relativa ao vínculo entre o automóvel e a sexualidade é um tema comum de época. A diferença reside no desajuste temporal existente entre os centros de produção e os locais de recepção. Primeiro na Europa e nos Estados Unidos, depois na América Latina. Estamos no mundo da transculturação, com todas as características típicas e enriquecedoras da absorção e renovação.

## O PLANEJAMENTO BASEADO NO AUTOMÓVEL ESVAZIA A VIDA DA CIDADE

### Entrevista com Ana Fani Alessandri Carlos

*“O modelo automobilístico suprime a cidade e esvazia a vida na cidade”, afirma Ana Fani Alessandri Carlos, referindo-se ao planejamento urbano. Geógrafa e professora na Universidade de São Paulo (USP), ela é doutora em Geografia Humana, pela USP, pós-doutora pela Universidade de Paris VII e pela Universidade de Paris I (Pantheon- Sorbonne) e livre docente da USP. A professora observa que o referido modelo não decorre da existência do automóvel, mas do modo como as cidades são planejadas, privilegiando o transporte privado e da idéia de que a rapidez gera melhores condições de vida. Vista como lugar da circulação, das vias expressas, das pontes e viadutos, a cidade revela-se como centro do processo de acumulação, sempre a reduzir o tempo do ciclo produtivo, que se impõe sobre o “tempo de vida”, cindindo-o. Este descompasso manifesta-se na mudança constante das formas da cidade, no estranhamento dos seus habitantes diante das alterações que destroem seus referenciais urbanos, travestidas de “qualidade de vida”. Nas cidades assim fragmentadas, assevera a professora, “só o discurso ideológico pode formar o consenso”. Ana Fani é autora dos livros **Espaço e Indústria**. São Paulo: Contexto, 1991; **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1991; **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994; **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucítec, 1996; **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001. Correspondente da revista **Études***

<sup>10</sup> Há mais de uma composição musical brasileira chamada *Fon Fon*. A mais antiga delas é o tango composto pelo brasileiro Ernesto Julio Nazareth (1863-1934), em 1910. A cantora Carmen Miranda (1909-1955) gravou, em 1937, juntamente com Sylvio Caldas (1908-1998), o samba *Fon Fon*, de João de Barros e Alberto Ribeiro. A letra da composição, referenciada no automóvel e cantada em forma de diálogo entre os dois intérpretes, diz, por exemplo, em um dos seus versos: “Esta buzina não tem bom som/ Eu gosto mais da que faz assim fon fon/ Mas não avances, olha o sinal / Podes partir o diferencial (...)” (Nota do *IHU On-Line*)

**Lefebvriennes – Réseau Mondial**, integrante de comissões redatoriais de várias publicações brasileiras, ela também organizou a publicação de sete livros voltados à geografia, entre os quais **Ensaio de Geografia Contemporânea: Milton Santos – Obra Revisitada**. São Paulo: Hucitec, 1996. A entrevista foi concedida por e-mail.

**IHU On-Line - Por que a vida metropolitana contemporânea gera uma cisão entre o “tempo de vida” e o “tempo da cidade”? Como a senhora conceitua cada um desses “tempos” e como ocorre essa cisão?**

**Ana Fani** - Assistimos hoje a um processo profundo de transformação nas relações de produção impostas pela crise do capitalismo dos anos 1970, gerando uma necessária diminuição dos custos de produção. Esse processo tem exigido uma flexibilização no processo produtivo para adaptá-lo aos novos padrões de produtividade, apoiada na diminuição do tempo da produção de um determinado produto, bem como de sua circulação. As fábricas se localizam em um espaço que permite à produção se renovar constantemente, de modo que as mercadorias possam circular sem barreiras e de modo que os centros de consumo sejam abastecidos continuamente, atraindo cada vez mais consumidores. Tudo isso é necessário para que o ciclo de reprodução continue. Ora, como sabemos, o tempo de produção invade a vida cotidiana, e a necessidade continuada de produção de novas mercadorias se revela pela extensão sempre ampliada da esfera do consumo. No mundo moderno, o espaço tem um papel, cada vez mais importante, revelando a cidade como o centro do processo de acumulação. Significa dizer que se reproduz constantemente a cidade como meio para a realização deste processo. Logo, ela aparece como lugar da circulação, das vias expressas, das pontes e viadutos. Nesse sentido, o processo de produção da cidade vai revelando a necessidade de redução do tempo do ciclo; é assim que a cidade vai se transformando de forma cada vez mais rápida e intensa, uma mudança do tempo que aparece de modo claro na vida cotidiana como “pressa”. Assim, o tempo da realização da vida entra em descompasso com o tempo necessário à reprodução ampliada do capital, o que exige a mudança da cidade, como condição de sua realização continuada. O tempo da vida é o tempo cíclico, aquele do cosmos, o tempo lento que se revela como tempo dos encontros e de suas possibilidades sempre renovadas, como o tempo da festa, do lazer, do trabalho, da vida privada de modo articulado e indissociável. O tempo de produção é o tempo linear, baseado numa lógica produtiva que rompe os momentos da vida cotidiana, dissociando-os. Nessa lógica, o tempo é cada vez mais veloz – *time is money*. Ocorre que, com o desenvolvimento da sociedade do consumo, o tempo linear invadiu e capturou o tempo cíclico (não completamente, mas tendencialmente), invadindo todos os momentos da vida cotidiana como cisão de todos os seus momentos. A cidade revela, na mudança de suas formas, este descompasso.

**IHU On-Line - Como, nesse contexto, emerge a falsa idéia de pertencimento?**

**Ana Fani** - A cidade é também o tempo e o espaço da vida. Ela revela a prática social em toda a sua amplitude e, nesta direção, a cidade é o lugar da produção da identidade que liga os homens aos lugares, criando “pertencimentos”, porque as relações cotidianas se realizam num espaço vivido concreto. Mas o descompasso entre os tempos também se realiza enquanto mudanças nos usos do espaço da cidade, pois estes se transformam constantemente. Nesse processo, temos um descompasso entre o uso do espaço para a reprodução do capital e o uso do espaço necessário à reprodução da vida humana. A cidade, transformada em função das necessidades econômicas (e políticas), produz a sensação de que “envelhece” antes mesmo de estar “pronta”. Esse movimento produz a idéia de estranhamento do habitante diante da cidade que se transforma num ritmo que demole os referenciais urbanos dos quais se realiza a vida, o

que requer constantemente a necessidade de adaptações. É assim que aparece o discurso da “qualidade de vida”, escondendo as contradições que estão na base da explicação das transformações violentas da metrópole. É assim que se produz o que eu chamo de “identidade abstrata”; isto é, a vida cooptada pelo tempo - espaço da mercadoria, que transforma a relação entre os homens, identificando-os por meio da posse de bens de consumo. A marca do carro, o tipo de celular, a grife da roupa, os lugares de lazer freqüentados (bares, restaurantes) vão criar hoje a base da identidade. Eu me identifico com o outro pela mediação da mercadoria. O “ser” dá lugar ao “ter”.

***IHU On-Line - Nesse caso, o que caracteriza “não-lugar”? As intervenções urbanísticas poderiam evitar o seu surgimento ou dar-lhe outra feição?***

**Ana Fani** - O não-lugar se caracteriza exatamente como negação do espaço da vida, é o espaço produzido para o consumo produtivo, quando ele próprio vira mercadoria, isto é, um espaço produzido para ser vendido. Um exemplo deste processo é a produção dos espaços turísticos. O não-lugar é o espaço abstrato. Nisso, minha análise se difere daquela de Marc Augé<sup>11</sup>. Isso porque, como geógrafa, analiso a sociedade por meio das relações espaciais e, nesta dimensão, analiso o espaço como produção humana, o que significa que é criação, estabelecendo-se uma identidade entre a sociedade e o lugar, identidade esta que se dá pelas formas de apropriação para a vida. A identidade, no plano do vivido, está vinculada ao conhecido - reconhecido. A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer, ou de formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história que se revela como acumulação dos tempos, porque diz respeito à vida e seu sentido, portanto é produto de uma capacidade criadora. Mas, para além de acumulação de tempos, o espaço é também possibilidade de realizações futuras. Logo, a cidade é também o lugar do sonho do desejo - é esta a diferença entre lugares e não-lugares. Assim, o não-lugar não é a simples negação do lugar, mas uma outra coisa, produto de relações outras. É, nesse caso, produto de uma nova indústria (turística e de lazer) que, com sua atividade produz simulacros apoiados na construção da identidade abstrata. As intervenções urbanísticas, da forma como ocorrem hoje, sinalizam na direção da produção do espaço como estranhamento e não como reconhecimento.

***IHU On-Line - Como evitar a deformação do espaço pela ideologia da velocidade? A presença do automóvel continuará a moldar as cidades, na sua opinião?***

**Ana Fani** - O problema não é o carro, mas o modo como se planejam as cidades hoje. O que acontece, na realidade, é que o poder público vem, constantemente, aprofundando a segregação com sua política de intervenção espacial. Isso porque os modelos urbanísticos aparecem como modelos de transporte, mas não o público; o privado. A prioridade para a construção de avenidas amplas e largas facilita a diluição da cidade, pela destruição de bairros inteiros, das relações de vizinhança, do esvaziamento e normatização dos espaços públicos. O modelo automobilístico suprime a cidade e esvazia a vida na cidade. O enfoque na construção

---

<sup>11</sup> Marc Augé, antropólogo francês, designa “não-lugar” os dispositivos e métodos que induzem à circulação de pessoas, em oposição à noção sociológica de “lugar”, à idéia de uma cultura localizada no tempo e no espaço. Este conceito foi desenvolvido no livro ***Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade***. São Paulo: Papirus, 1994. Como o próprio Marc Augé assinala na obra referida, a idéia do “não-lugar” foi abordada primeiramente pelo jesuíta francês Michel de Certeau no livro ***A invenção do cotidiano***. Petrópolis: Vozes, 1994. Sua abordagem é, porém, diversa. Pode-se dizer, de maneira simplificada, que ele se refere ao “não-lugar” como uma qualidade negativa do lugar. (Nota do ***IHU On-Line***).



de vias rápidas de trânsito encobre a idéia de que a aceleração da mobilidade significaria uma melhoria nas condições de vida (o que não é totalmente incorreto, mas só para aqueles que têm carro, o que está longe de ser a maioria da população). Mas até que ponto túneis e avenidas construídas diminuem efetivamente o tempo de percurso? O tempo da sociedade produtivista impõe a velocidade e o reforço do ideário do *time is money*. Com isso, propiciou a perda do tempo da vida, a tendência à construção da cidade do automóvel que redefine, constantemente, o sentido dos espaços públicos, e com isso, do seu uso.

**IHU On-Line - Parece-lhe possível estabelecer uma sinergia positiva entre a identidade dos moradores com o lugar onde habitam e as intervenções que lhe são impostas, regidas por uma dinâmica afiliada à globalização?**

**Ana Fani** - A cidade se realiza pelo confronto de muitas lógicas ligadas às estratégias de reprodução das várias frações de capital - industrial, financeiro, comercial - dos empreendedores imobiliários, do estado e dos cidadãos. A produção, portanto, é contraditória, e o conflito não se esconde com muita facilidade. O planejamento que aparece sob o manto da ideologia do progresso apoiado nos discursos técnicos (que ganham cada vez mais importância) tem por objetivo fundamentar as necessidades de renovação, tem um papel central na imposição das estratégias da reprodução econômica e política como sendo aquela dos cidadãos. Na cidade fragmentada, segregada, só o discurso ideológico pode forjar o consenso.

## PENSAR A CIRCULAÇÃO, CONSIDERANDO A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO

### Entrevista com Philip Gunn

*Na opinião do professor Philip Oliver Mary Gunn, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), a circulação nas cidades deve levar em conta as rearticulações complexas que estão ocorrendo na divisão social do trabalho, com reflexos espaciais e territoriais. Recomenda atenção para o crescimento extraordinário das motos como meio de transporte e considera que as medidas para a redução dos congestionamentos baseadas no rodízio de veículos, pedágio para acesso aos centros urbanos ou eliminação dos veículos antigos são ineficazes, socialmente regressivas e injustas. Para ele, regulação ou moderação desse setor, em busca de uma "sinergia social positiva" está associada a inflexões ideológicas. O professor Philip Gunn graduou-se em Arquitetura pela Queen's University Belfast, da Irlanda do Norte. É mestre em Urban Design Regional Planning, pela Universidade de Edinburgo, na Escócia, mestre em Arquitetura pela Queen's University Belfast e doutor em Estruturas Ambientais Urbanas pela USP, com a tese **Espaço, Território e Estado**. É Livre Docente da mesma universidade e Pós-Doutor pela Universidade de Delft, na Holanda.*

**IHU On-Line - No trabalho<sup>12</sup> que o senhor apresentou no último Encontro da Anpocs são analisadas mudanças nas formas de acesso da população aos locais de trabalho. Baseado em dados oficiais, afirma que se todos os proprietários de veículos do ABC paulista resolvessem sair à rua com os seus carros ao mesmo tempo, não haveria**

<sup>12</sup> "As inovações de trabalho nos tempos de 'globalização' e sua expressão urbana na metrópole paulistana nos anos noventa". Apresentado no Grupo de Trabalho (GT) 24: "Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social", durante o XXVII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), realizado de 21 a 25 de outubro de 2003, em Caxambu (MG) (Nota do *IHU On-Line*).

**espaço suficiente para todos os veículos. Esse fenômeno não lhe parece uma típica manifestação iatrogênica? Como enfrentá-lo?**

**Philip Gunn** - Bom, se o conceito de iatrogenia<sup>13</sup> é estendido do campo médico para o urbano, a possibilidade de “práticas equivocadas” sempre existe. Mas é preciso qualificar o argumento, particularmente num sentido histórico. Minha afirmação de que existe um número excessivo de veículos relativamente aos espaços disponíveis em ruas pavimentadas é válida somente para alguns municípios do ABC paulista nos anos recentes, e não para todos. Fiz a observação mais como tendência, para dramatizar o problema de circulação e para sinalizar a necessidade de repensar os usos correntes de espaço urbano, inclusive os espaços de circulação. Fora das horas de pico, em determinadas vias distritais e vias expressas, o problema é mais de estacionamento do que de circulação, propriamente dita. Nem todos os meios de valor econômico estão simultaneamente em circulação. Se fosse assim, todos os bancos quebrariam. O problema é que a maioria das nossas cidades foram projetadas e construídas historicamente somente para “bichos antrópicos”<sup>14</sup>, e não para “bichos mecânicos” pessoais. Frank Lloyd Wright<sup>15</sup>, em 1935, em Broadacre City<sup>16</sup>, teve a visão alternativa de colocar os carros em lotes residenciais em vez de colocá-los na rua. Socialmente, esta diretriz ainda não seria possível nas periferias metropolitanas do Brasil no início do século XXI, quando a carência de moradia continua maior e mais premente do que as melhorias da vida simbolizadas pela propriedade dos meios individuais de circulação.

**IHU On-Line - Para dar maior fluidez ao trânsito e reduzir a poluição, os governantes da cidade de São Paulo estabeleceram o rodízio da circulação de automóveis, sem obter resultados positivos. Ao que tudo indica, os efeitos do rodízio foram anulados pela expansão da frota de veículos. Esse aspecto do problema, entretanto, não é abordado pelas autoridades. É possível pensar uma cidade onde a presença do automóvel seja mínima?**

**Philip Gunn** - Na ausência de uma revolução no modo capitalista de acumulação e de vivência, creio que não seria possível imaginar este “mínimo”. O problema é mais imediatamente a luta contra o “máximo” - lembrando que o maior temor é a explosão imanente do número de motos. Contra a poluição causada por motos é necessário, imediatamente, disponibilizar catalisadores<sup>17</sup>. Contra o congestionamento, o problema é maior do que um simples aumento na capacidade das vias, uma vez que isto não resolve o congestionamento nem em Los Angeles, nem em São Paulo. O problema de aumento da capacidade de vias públicas para transporte individual é que elas não poderiam ser projetadas sem pensar, necessariamente, em aumentar a eficiência e a eficácia social dos meios coletivos de transporte de massa. Contra congestionamentos, as soluções como restringir o tamanho da frota circulante, sempre seriam

<sup>13</sup> A iatrogenia, expressão originária do vocabulário médico, designa as doenças derivadas de práticas médicas equivocadas. Ivan Illich, padre, teólogo, sociólogo e historiador austríaco, em seu livro **A expropriação da saúde: Nêmesis da medicina**, Rio Janeiro: Nova Froteira [s.d.], amplia o referido conceito ao utilizá-lo para analisar também as anomalias sociais geradas pelas inovações destinadas a melhorar a qualidade da vida humana. Entre elas, o transporte automotivo e a circulação por ele exigida (Nota do **IHU On-Line**). A edição n.º 46 do **IHU On-Line**, de 09-12-2002, foi dedicada ao referido pensador.

<sup>14</sup> A palavra “antrópico” designa o que é relativo ou pertinente ao homem (Nota do **IHU On-Line**).

<sup>15</sup> Arquiteto norte-americano (1867-1959), consolidou o conceito de “arquitetura orgânica”, integrada ao ambiente natural (Nota do **IHU On-Line**).

<sup>16</sup> Modelo de cidade desenvolvido pelo arquiteto acima citado, subordinando a arquitetura à natureza, proporcionando um desenvolvimento harmonioso dos moradores com o meio ambiente (Nota do **IHU On-Line**).

<sup>17</sup> Sistema aperfeiçoado de escapamento dos veículos, redutores da poluição. (Nota do **IHU On-Line**)

paliativas, sejam elas de “rodízio” em São Paulo ou de “pedágio” para acesso aos centros urbanos ou da eliminação de frota de veículos mais antigos por agências reguladoras, favorecendo as montadoras. Além disso, seriam socialmente regressivas e injustas. Nesse sentido, temos mais a apreender com cidades asiáticas como Shanghai, Bangkok ou Beijing do que com Londres, Oslo ou Amsterdam. Naquelas cidades, por exemplo, a bicicleta e a moto, meios de transporte mais acessíveis à população de baixa renda, recebem tratamento privilegiado. As vias especiais, e muitas vezes separadas, para esses dois tipos de veículos. Não devemos esquecer que a explosão no uso das motos começou pela Ásia. Acho que muitas soluções adotadas nas referidas cidades poderiam inspirar medidas para o Brasil e outros países com o perfil sócio-econômico parecido.

**IHU On-Line - Como o senhor assinala no trabalho referido, o advento dos shoppings centers e dos hipermercados induziu, por um lado, à renovação de valores culturais nas atividades de consumo e lazer, acentuando o apelo às formas individualizadas de transporte. Por outro lado, promoveu "um efeito mais substitutivo que expansivo de mercados de trabalho". Partindo dessas constatações, quais as possíveis contribuições do urbanismo, nos "tempos de 'globalização' ", para a obtenção de uma sinergia social positiva?**

**Philip Gunn** - Acho que temos duas questões aqui. A primeira diz respeito às rearticulações complexas que estão acontecendo na divisão social do trabalho. Nas aglomerações urbanas, trata-se de mudanças realizadas e representadas segundo as especificidades de gêneros e ramos de atividades econômicas, isto é, nas posições relativas à indústria, ao comércio ou aos serviços. A divisão de trabalho, contudo, também poderia ser representada e ilustrada por mudanças de trabalho ocorridas em famílias, comunidades, empresas, repartições - todas imbricadas em situações diferentes de mudanças nas condições de trabalho e de renda, na produção e no consumo. O mapeamento e o conhecimento destas alterações na divisão de trabalho, com seus sentidos espaciais e territoriais, parecem sempre parciais e incipientes para um “urbanismo, nos tempos de ‘globalização’”. Uma segunda questão referente à preocupação com uma “sinergia social positiva” depende das concepções sobre a política, as alterações nos deveres públicos e direitos privados, sendo impostas junto com as alterações nas divisões de trabalho em curso. Sabemos que a *sinergia* é freqüentemente conflitual e evidente na sua dimensão material e territorial da cidade ou metrópole. A função do urbanismo como uma força moderadora ou funcionalmente reguladora é essencialmente ideológica, invocando utopias e distopias na preparação de projetos ou “soluções”. Entretanto, considero importante, e interessante, leituras sobre as mudanças em curso, como **O Ornitorrinco**<sup>18</sup>, de Francisco de Oliveira, para qualificar seriamente as possibilidades de mudanças urbanas de trabalho em curso e ter visões mais realistas das “sinergias sociais positivas” possíveis.

**IHU On-Line - À proporção que o trânsito de automóveis vai apresentando sinais de saturação, a utilização de motos aumenta consideravelmente, para atender às novas demandas produtivas ou como meio de transporte. Qual a sua opinião sobre essa mudança? Trata-se de um tipo de "flexibilização" correspondente às novas exigências do mercado? E isso é positivo?**

<sup>18</sup> **O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. Francisco de Oliveira esteve na Unisinos dia 17 de outubro de 2003, participando do **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, abordando o tema *Perspectivas do Brasil com o novo governo*, e foi entrevistado por IHU On-Line na edição n.º 80, de 20 de outubro de 2003.

**Philip Gunn** - Acho que, antes de expressar um juízo de valor, precisamos primeiro conhecer melhor, situar o problema das novas modalidades dos transportes no contexto das reais mudanças que estão acontecendo na divisão de trabalho nas cidades. Acho que nós precisamos conhecer melhor as relações entre os trabalhos formais e informais de cidades asiáticas para ver o impacto das motos. Tirei uma foto em Guangzhou, na China, recentemente que mostra maneiras para acomodar os fluxos distintos numa improvisação contínua na qual os urbanistas nunca imaginaram.

**IHU On-Line - Na cidade moderna, a circulação não está sendo paralisada e se tornando contraprodutiva? Como superar esse impasse?**

**Philip Gunn** - A circulação parada é o que os americanos chamam *grid-lock*, quando esquemas logísticos de KanBan ou as variações de JIT (*just-in-time*)<sup>19</sup>param de funcionar. Precisamos repensar os fluxos e seus motivos, além de aumentar capacidades. Por isso o vínculo da circulação com as mudanças na divisão de trabalho nas cidades é fundamental. As montadoras sonham com a motorização da população urbana inteira, mas as nossas periferias metropolitanas continuam, em grande parte, imobilizadas em faixas que excluem a possibilidade de seus moradores se tornarem proprietários de motos ou carros antigos. Mesmo com essas limitações, as implicações para a forma dos usos de ruas, avenidas e vias expressas, nas nossas cidades, são enormes.

**“O AUTOMÓVEL É UM GRANDE DESASTRE PARA A VIDA URBANA”**

**Entrevista com Andrew Feenberg**

*Arquétipo da modernidade mundial, desastroso para a vida urbana, o automóvel deveria ser usado apenas em áreas com populações dispersas, que dele dependessem para percorrer grandes distâncias que as separassem de serviços essenciais. O transporte público deveria predominar. Essa é a opinião de Andrew Feenberg, professor de Filosofia na Universidade de San Diego, nos Estados Unidos e pesquisador de Filosofia da Tecnologia na Escola de Comunicação da Universidade Simon Fraser, no Canadá. Sua radical condenação ao uso do automóvel, símbolo de “um certo individualismo com conseqüências desagradáveis”, porém, não o aproxima de pensadores contemporâneos críticos das sociedades industrial e/ou pós-industrial e de malefícios sociais tidos, muitas vezes, como iminentes às novas tecnologias. Graduado em Filosofia pela The Johns Hopkins University, mestre e doutor em Filosofia pela University of California, Andrew Feenberg dedica-se especialmente à construção de uma teoria crítica da tecnologia. Diversamente daqueles que desejam abandonar a sociedade industrial completamente, visto que a tecnologia atual não seria viável a longo prazo, ele defende a sua reconstrução radical, localizando um “determinismo implícito” na posição antiindustrial. Ressalva que o conflito social continua fundamental às questões de desenvolvimento tecnológico e declara-se preocupado com “a predileção de tantos intelectuais não-conformistas por negações abstratas da modernidade”. Andrew Feenberg é autor de **Lukacs, Marx and the Sources of Critical Theory**. Oxford University Press, 1986; **Critical Theory of Technology**. Oxford University Press, 1991; **Alternative Modernity** University of California Press, 1995; e **Questioning Technology**. Routledge, 1999. É também co-organizador de **Marcuse: Critical Theory and the Promise of Utopia**. Bergin and Garvey Press, 1988; **Technology and the Politics of Knowledge**. Indiana: University Press, 1995; e **Technology and Modernity**. MIT Press, 2003. A entrevista foi concedida por e-mail.*

<sup>19</sup> Práticas de gerenciamento e de logística que ampliam o controle sobre a produção e combatem as perdas e desperdícios do processo produtivo (Nota do **IHU On-Line**).

***IHU On-Line***-O que é, em síntese, “teoria crítica da tecnologia”? Em que medida ela se inspira na Escola de Frankfurt e quais as derivações que dela faz, na construção do seu campo de estudo?

**Andrew Feenberg**- A teoria crítica à tecnologia é uma tentativa de reavivar a crítica à tecnologia feita pela Escola de Frankfurt<sup>20</sup>, em resposta a Habermas, levando em consideração novas tendências na nossa relação com a tecnologia desde a computadorização da sociedade. Habermas dominou a segunda geração da Teoria Crítica com um relato da modernidade no qual a tecnologia não desempenha nenhum papel. Um caminho essencialmente equivocado, em minha opinião, no que se refere ao legado deixado pela Escola de Frankfurt. A crítica à tecnologia de Horkheimer, Adorno e, em especial, de Marcuse, precisa ser aprofundada e aprimorada, mas não abandonada como um mero resquício romântico, como argumenta Habermas. Presentemente, é possível nos basear nos resultados de estudos históricos e sociológicos recentes sobre tecnologia que contestam categoricamente o determinismo e o instrumentalismo tecnológicos antigos que a primeira geração da Escola de Frankfurt, com instrumentos menos empíricos, criticava em sua época. A crítica anterior sustentava a idéia de que a dominação na sociedade como um todo se refletia no planejamento da tecnologia e dos sistemas técnicos. Marcuse alegava que uma sociedade livre passaria a utilizar uma tecnologia não-dominadora. Eu considero tais idéias fundamentais a qualquer abordagem teórica crítica, e é possível defendê-las enquanto *insights* socioconstrutivistas a respeito do cunho social e da subespecificação técnica do planejamento tecnológico. A computadorização da sociedade que testemunhamos comprova esta abordagem na prática. Este é o ponto principal de minha teoria.

***IHU On-Line***- Como afirmou Ivan Illich, “o homem precisa de uma ferramenta com a qual trabalhe, e não de instrumentos que trabalhem em seu lugar. Precisa de uma tecnologia que tire o melhor partido da energia e da imaginação pessoais, não de uma tecnologia que o avassale e programe”. Como, na sua opinião, pode-se atingir esse objetivo? É necessário e possível “inverter radicalmente as instituições industriais e reconstruir completamente a sociedade” (tal como, igualmente, afirmou o referido pensador)?

**Andrew Feenberg**- Embora não se possa discordar dos pontos de vista de Illich da forma genérica exposta na pergunta, eu discordo da abordagem de Illich do modo como ele a elaborou concretamente. Eu acredito que sua posição radicalmente antiindustrial se baseia em um determinismo implícito. O pressuposto, tacitamente não revelado, é que as tecnologias industriais, da forma como as conhecemos, são mais ou menos tudo o que se pode fazer em termos de uma sociedade industrial. Quão flexíveis são as tecnologias industriais? Esta é uma pergunta que deve ser respondida na prática através de replanejamentos inovadores. As forças sociais que podem vir a favorecer tal evolução são embrionárias no momento, mas ao menos tais forças existem em vários movimentos sociais que possuem adeptos. Acho difícil imaginar apoio até mesmo embrionário para as propostas de Illich. Especificamente, refiro-me à oposição que ele faz à medicina científica, da qual ninguém que tenha estado seriamente doente, iria abdicar.

<sup>20</sup> A expressão Escola de Frankfurt designa a produção teórica desenvolvida no Instituto para a Pesquisa Social, fundado em 1924, por Félix Weil, em Frankfurt, Alemanha. Max Horkheimer (1885-1973), Theodor Adorno (1903-1969), Herbert Marcuse (1917-1979) são os principais representantes da escola. Eles procuraram construir uma “teoria crítica” da sociedade a partir dos postulados marxistas, deles abstraindo as suas pretensões “científicas”, mas utilizando-os para descrever o sistema econômico e seus reflexos sociais. Jürgen Habermas, nascido em 1929, ainda vive e é considerados um dos “herdeiros” da Escola de Frankfurt (Nota do *IHU On-Line*).

**IHU On-Line- Qual a contribuição da teoria crítica da tecnologia para extrair conseqüências humanizadoras de novas categorias que abrangem conceitos como “trabalho imaterial”, “capitalismo cognitivo” e “economia do conhecimento”?**

**Andrew Feenberg-** Apesar das declarações confusas a respeito da “sociedade do conhecimento” e da “era da informação”, o conflito social continua fundamental às questões de desenvolvimento tecnológico. A teoria crítica da tecnologia focaliza as tensões e os conflitos em todas as áreas do desenvolvimento, incluindo as mencionadas. A iniciativa no planejamento tecnológico se encontra nos governos e corporações que herdaram pressupostos capitalistas tradicionais acerca da centralização do poder, por meio do planejamento, e acerca da gama restrita de valores a serem concebidos no planejamento. Esses pressupostos entram em conflito com uma série de necessidades humanas que são, às vezes, articuladas pelos usuários ou operadores de novas tecnologias. A humanização da tecnologia resulta de iniciativas e protestos desses atores técnicos coadjuvantes. O papel da teoria crítica é articular as reivindicações desses atores em termos teóricos e relacioná-las à herança de esforços passados. Uma de minhas áreas de estudo é a introdução da comunicação humana em redes de computadores. Aplicativos com propósitos comunicativos não fazem parte dos planos originais da Internet ou da rede Minitel na França. A introdução da comunicação humana advém das iniciativas dos usuários. O meu argumento é que essa inovação possui relevância política como uma extensão do direito ao livre encontro de pessoas no espaço cibernético.

**IHU On-Line- Os avanços tecnológicos e suas técnicas pressupõem, de maneira geral, um cotidiano marcado pela velocidade. Entre outros, Paulo Virilio tem assinalado os prejuízos à autonomia cognitiva decorrentes da “velocidade”; e Marc Augé tem ressaltado a implosão da idéia de “pertencimento” causada pela emergência do não-lugar, gerado por uma lógica do “novo pelo novo”. Como, nesse cenário, será possível construir uma racionalidade tecnológica com finalidades humanas?**

**Andrew Feenberg-** Virilio e outros que compartilham de seus pontos de vista extremamente distópicos lembram Illich ao rejeitarem a sociedade industrial. Estou inteiramente consciente de fatos primordiais como os danos às cidades e ao meio ambiente causados pela proliferação dos automóveis. Porém, não posso aceitar a idéia de que devemos abandonar a liberdade de movimento no espaço alcançada pelas sociedades industriais modernas para que se possa lidar com os problemas por elas criados. Da mesma forma, eu não vejo como as conquistas da cidadania moderna e da identidade cosmopolita poderiam sobreviver à migração das cidades para os pequenos povoados e à perda da conexão estabelecida pelas redes de computadores e de telefones. Talvez eu esteja exagerando as implicações da crítica à sociedade industrial feitas por esses pensadores; nesse caso, eu então me pergunto se eles são de fato tão radicais quanto sua retórica grandiloqüente parece sugerir. A pergunta que me foi feita poderia ter duas implicações diferentes. Por um lado, se ela indaga como os seres humanos em um ambiente industrial poderiam sequer conceber e desejar reformas significativas, então não creio que a resposta seja positiva. Não restam dúvidas de que o futuro parece desanimador, mas quem poderá prever a reação de milhares de pessoas às crises que estão por acontecer? Talvez os seres humanos tenham uma longevidade menor neste planeta, mas não creio que seja possível, neste momento, prever tal idéia com exatidão. Por outro lado, a pergunta pode sugerir que talvez não seja possível modificar a tecnologia industrial. Conforme eu argumentei anteriormente, eu discordo dessa implicação.

**IHU On-Line- O automóvel é, ainda, o símbolo da explosão tecnológica moderna? Mantém o seu papel indutor de novas percepções sensoriais e existenciais? A tecnologia que nele se expressa continuará a disciplinar a organização urbana? Qual a crítica que a teoria crítica da tecnologia faz ao automóvel e a tudo o que ele representa?**

**Andrew Feenberg** - O automóvel continua sendo o arquétipo da modernidade em todo o mundo. É um grande desastre para a vida urbana. Seu uso justifica-se nas áreas rurais, onde populações dispersas precisam de transporte para percorrer as grandes distâncias que as separam de serviços indiscutivelmente essenciais como postos de saúde e estabelecimentos comerciais, por exemplo. Na cidade, contudo, o automóvel é um fator isolador e prejudicial que deveria ser limitado a usos específicos. Isto é evidente, sobretudo, em cidades norte-americanas como Los Angeles, planejadas em torno do automóvel que simboliza um certo tipo de individualismo com conseqüências desagradáveis. A reunião e a interação de pessoas na paisagem urbana é tolhida pelo automóvel. Cada família fica isolada em sua fortaleza suburbana. As crianças não podem mais andar livremente nas ruas das cidades e são as maiores vítimas - não apenas da restrição de seu ir e vir, mas também dos problemas de saúde causados pela poluição do ar. O transporte público em cidades de grande densidade demográfica é a alternativa bem-sucedida em várias cidades da Europa e do Japão. A China tem, no momento, o mercado cuja demanda por automóveis cresce mais rapidamente. O despropósito da imitação submissa de modelos ocidentais nunca esteve mais evidente do que agora. Talvez o acréscimo de mais um bilhão de motoristas faça com que os preços do petróleo subam o suficiente para que se reavalie este tipo de transporte.

**IHU On-Line- O senhor gostaria de acrescentar algum outro comentário, alguma observação sobre questões que o preocupam e que não foram aqui abordadas?**

**Andrew Feenberg** - O verbo “preocupar” sugere um certo conjunto de questões. Várias coisas me preocupam, mas há pouco que eu possa fazer em relação a elas. O que me preocupa na minha própria área é a predileção de tantos intelectuais não-conformistas por negações abstratas da modernidade. Tal predileção está amplamente representada graças a pensadores como Virilio, Baudrillard, Illich, Deleuze, Adorno e Marcuse, ou ao menos à interpretação que se fez deles. É uma cômoda retirada do ativismo para os intelectuais que mostram desânimo quanto à revolução marxista e não possuem ilusões a respeito das forças populares contemporâneas. Mas para quê? Eu não creio que essas doutrinas de desânimo encontrem justificativa nas atuais circunstâncias. Os seres humanos estão em apuros há bastante tempo. A possibilidade do suicídio da espécie não é uma descoberta “pós-moderna”. Penso que os intelectuais devem tentar formular alternativas criativas que possam ajudar pessoas reflexivas a encontrarem seu caminho rumo a um futuro possível, conscientes, naturalmente, dos riscos de insucesso. Eu procuro fazer isso, e gostaria que fosse uma estratégia intelectual mais praticada. Também me preocupo com a autoflagelação intelectual. Minha atitude é arrogante, até mesmo “terrorista”? Este tipo de retórica exagerada que se ouve de certos intelectuais é profundamente antidemocrática. Todo mundo tem o direito de propor idéias e esperanças, inclusive os intelectuais. Por democracia entende-se não esquivar-se de uma opinião, mas exercer o direito universal de se ter uma opinião própria. O problema hoje não é a imposição de utopias pelos intelectuais – um argumento tipicamente de direita contra o marxismo adotado recentemente por vários intelectuais de esquerda – mas a restrição do debate público, imposta pelo poder dos meios de comunicação de massa. Deveríamos utilizar os recursos tecnológicos disponíveis, principalmente a Internet, para auxiliar na luta contra esta situação ao invés de renunciar ao nosso papel por causa de um desejo extremamente meticuloso de evitarmos a imposição de nossas opiniões, algo que, de qualquer forma, não conseguimos fazer.

# DESTAQUES DA SEMANA

## Livro da semana

**Deus, um itinerário. Material para a história do Eterno no Ocidente, de Régis Debray. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.**

*O livro que apresentamos esta semana é **Deus, um itinerário**, de Régis Debray. O livro foi publicado, originalmente, em francês, em 2001 e traduzido, neste ano para o português. Abaixo apresentamos a resenha do livro de Elias Fajardo, jornalista, publicada no jornal **O Globo**, 19-6-04 e uma entrevista de Régis Debray por ocasião do lançamento do livro na França. A entrevista foi publicada na revista **Lire**, novembro de 2001 e traduzida pelos nossos colegas do CEPAT. Os subtítulos também são dos mesmos colegas aos quais agradecemos.*

O francês Régis Debray é um homem de gestos e atitudes radicais. Na década de 60 publicou “A Revolução na revolução”, que inspirou jovens “foquistas” de vários países, empenhados em fazer transformações revolucionárias sem necessariamente mobilizar as grandes massas de camponeses e operários, partindo de grupos, focos de luta armada num cenário de “tanta violência, mas tanta ternura” (como definiram bem os versos de Mario Faustino).

Estas idéias estão na base da revolução cubana e Debray, ainda nos anos 60, embrenhou-se nas matas da Bolívia ao lado de Che Guevara que acabou assassinado pelos militares bolivianos. O francês foi preso e, libertado em 1970, acabou se transformando em figura polêmica. Teria sido culpado da “queda” de Guevara? Sua presença europeia no sertão latino-americano teria chamado a atenção dos militares que perseguiram o Che? Debray foi ele próprio uma vítima visionária da busca pela revolução permanente? Ou foi apenas um apoiador intelectual da revolução que teve a coragem de levar suas idéias à prática? São dúvidas que a história ainda não esclarece.

Régis Debray é hoje professor de filosofia na Universidade de Lyon e presidente do Conselho Científico da Escola Nacional Superior das Ciências da Informática e das Bibliotecas. Especialista em ciência da mídia, este seu “Deus, um itinerário” é um ensaio sobre o monoteísmo desde suas origens mais remotas, há cerca de nove mil anos, passando pelo seu nascimento no deserto há três mil anos e chegando à contemporaneidade. O ex-guerrilheiro francês parte do princípio de que a idéia do sagrado é condição fundamental para a articulação dos agrupamentos humanos, mas o Deus dos Exércitos de Israel não é o mesmo Deus de amor e de intimidade dos cristãos, nem o Alá do Corão dos muçulmanos e muito menos a Energia cósmica impessoal da Nova Era. O homem precisou de um Deus à sua imagem e semelhança e fabricou um, múltiplo, uno e/ou indivisível. A invenção da roda fez com que a divindade única se espalhasse por mais tribos, o alfabeto tornou-o quase abstrato e assim por diante. O Pastor tem a mesma face da sua ovelha, já que é, ela própria, a construtora da face divina. A roda reduziu a dependência do homem em relação ao espaço e a escrita reduziu-a em relação ao tempo.

O Deus único do monoteísmo ama reunir. Mas na prática não é possível reunir sem dividir. “Se consagro, separo. Se separo, transformo em lugar sagrado. A religião religa, sim, essa é sua



definição, mas, para tanto, ela antagoniza”, escreve o francês. E prossegue afirmando que cada novo fiel a uma Igreja é infiel a outra. Todo militante de uma causa faz-se inimigo da causa adversa e as guerras de religião são massacres cruentos e cruéis que trituram homens e idéias na constituição de blocos de fé.

É um livro denso e de leitura árdua, baseado numa pesquisa fascinante. A linguagem é concisa, muitas vezes poética, e a capacidade e agudeza de raciocínio é bem típica de um francês. Mas há momentos em que as palavras parecem despregar-se do conteúdo e tanta capacidade de raciocínio às vezes se torna vazia.

Um dos capítulos mais interessantes é o terceiro: “Bem no alto da duna”, em que Debray esboça uma ecologia do divino. Segundo ele, “Deus faz a história dos homens começar em um espaço verde e a concluiu em uma cidade santa, Jerusalém. Entre os dois, Ele pôs o deserto, para que perdêssemos Seu rastro”. A vida no deserto é um desafio para o ser humano no que ela tem de mais aleatório e de mais precário e por isto, segundo Debray, “um deus do deserto não pode agarrar-se a nada a não ser ao vento”.

Para sobreviver, os homens têm implorado e se agarrado aos deuses desde a época das cavernas até a era da informática. Se o homem descende do simio, o deus de Debray descende do signo e os signos têm uma longa história e um grande futuro pela frente.

## DEUS, UM ITINERÁRIO

*Régis Debray é filósofo francês. Na década de 1960 foi guerrilheiro na Bolívia. Em 1967 escreve **A revolução na revolução**, que teve grande repercussão na esquerda brasileira daquela época. De volta à França dedicou vários livros aos intelectuais. É um dos maiores estudiosos da midiologia<sup>(21)</sup>, disciplina que leciona na universidade de Lyon-III. Sobre este assunto tem obra abundante. Recentemente Debray lançou o livro **Dieu, un itinéraire** (Deus, um itinerário), Paris, Ed. Odile Jacob, assunto principal da entrevista que segue e que foi publicada na Revista **Lire**, novembro de 2001.*

**Lire:** Seu novo livro *Deus, um itinerário*, tem como subtítulo “Materiais para a história do Eterno no Ocidente”. Parece duplamente antinômico: como o Eterno pode ter uma história, e como pode ser específica do Ocidente?

**Debray:** Quando alguém é pedante, isso se chama oxímoro (“Esta obscura claridade”). Eu quero mostrar que a nossa idéia de Deus evoluiu, que, sob o mesmo nome do Deus único, deuses diferentes se sucederam. O Deus da cólera hebraica não é o Deus da consolação e da ternura cristã, nem o Deus da justiça islâmica. Dito de outra maneira, não é preciso ser simplório para identificá-lo com um só termo. Esses são os materiais, pois eu pretendo falar de Deus sem ênfase, em termos muito prosaicos. E o Ocidente, porque, não sendo árabe, eu não evoco diretamente o islã. Eu me limitei, pois, àquilo que Augusto Comte chamou de “a República ocidental”.

**Lire:** A primeira parte do livro se intitula “Coroamento”...

**Debray:** É uma palavra deliberadamente ambígua, porque o aparecimento de Javé é o fim, o coroamento de um processo muito longo. É uma evolução e não um ato repentino. Moisés não

<sup>21</sup> A midiologia tem por objetivo os fatos da transmissão. É o estudo das mediações através do qual uma idéia pode se tornar força coletiva. Diferentemente dos meios de comunicação (mídia), cuja atuação se dá de forma unilateral, a midiologia se ocupa com a verdadeira comunicação, isto é, aquela que pressupõe um retorno (*feedback*). (*Nota do IHU On-Line*)

é o inaugurador; ele apareceu, dissemos, no início do ato V da peça. O outro sentido da palavra, evidentemente, é este do Rei dos Reis, da onipotência política atribuído a esse Deus único.

**Lire:** Você escreve que “Deus antedatou seu registro de nascimento”, pois ele nasceu muito tempo antes do *homo sapiens*...

**Debray:** Sim, pois a anterioridade é um argumento de autoridade: “Eu era antes de ti”, mas, de fato, há sempre alguém que era antes de você.

**Lire:** A propósito da Terra Santa, você fala de “quinze hectares paroxísticos...”

**Debray:** É todo o paradoxo de uma religião que é abstrata e que se bate por alguns hectares de capoeira... É algo que choca um certo número de Judeus. Esta sacralização do enraizamento é assaz surpreendente da parte de uma religião que dessacralizou as raízes.

### A tensão entre meio e mensagem

**Lire:** Na segunda parte, “Desenvolvimento”, você insiste no papel da Igreja. Você cita Alfred Loisy: “Esperávamos o Cristo, e veio a Igreja”, e você declina a fórmula. Comunista: “Esperávamos o proletariado, e veio o Partido”; liberal: “Esperávamos o Mercado, e veio o monopólio”. O meio sempre termina por substituir a mensagem?

**Debray:** É a tragédia da transmissão. O meio, ou seja, o suporte, o portador, se volta contra a mensagem e termina por substituí-la. O portador da consigna devora a consigna e produz sua própria consigna. Mas, sem meio não há mais mensagem. Dito de outro modo, entre dois males, desaparecimento e deformação, é preciso escolher o menor. A Igreja constituiu assim mesmo a mensagem cristã.

**Lire:** “Não se atravessam os séculos sem uma bagagem”, você diz, com humor... Em outra manifestação deste humor você escreve: “O cristão pode ser comparado a um espectador de cinema que pagou seu ingresso e que sempre aguarda o início do filme. Há 20 séculos, a História passa o *trailer* e sem que ele proteste. A fé é uma decepção superada.”

**Debray:** É o mistério de todas as crenças messiânicas. Os revolucionários esperam, eles também, uma Grande Tarde, que não vem... Nós somos tentados a esquecer que, na época de Jesus, o Julgamento final era verdadeiramente para um futuro próximo; ele não tem data, mas é iminente, de onde vem um certo pânico. Podemos compreender a angústia escatológica das testemunhas da destruição do Templo (uma espécie de Manhattan multiplicada por dez), que banharam o Antigo Testamento. A Igreja era então a operadora da salvação. Mas, o que é mais difícil de compreender é porque isso dura dois mil anos. O homem é um ser que espera. Não há melhor definição. Alguns indivíduos – os sábios – escapam dessa espera, mas as comunidades se conformam se elas não estiveram convencidas de que amanhã será um outro dia. Falta-lhes um horizonte. A esperança do milagre é mais importante do que a sua visão.

### Ampliação sociológica em detrimento do teológico

**Lire:** Na terceira parte, “Extinção”, você observa que, pouco a pouco, o Cristo suplantou Deus. A figura de Deus Pai se dissipa. Você dá alguns elementos de interpretação: o paternalismo, que foi malvisto (você fala da “ruína dos pais”), pode ser a parte feminina do Cristo que o torna politicamente mais correto...

**Debray:** Sim, é muito perturbador. Nossas Igrejas são cada vez menos teológicas e cada vez mais cristológicas. Na dupla natureza do Cristo, ao mesmo tempo homem e Deus, Deus tende a se esconder atrás do homem, do homem imperfeito, do modelo, do generoso, do companheiro, do sábio, do revoltado. Em detrimento da construção teológica, essa do mistério divino, do grande desígnio providencial, das finalidades últimas. Assistimos a um encolhimento teológico e a uma ampliação sociológica: todo mundo pode se identificar com Jesus.

**Lire: O cinema contribuiu para isso?**

**Debray:** Evidentemente, Deus é um péssimo sujeito de filme. Quando não é real o que é visto, aquilo que não tem imagem não tem existência. Deus Pai é, pois, bastante prejudicado. O filho se sai melhor graças à Encarnação. É um maravilhoso sujeito para os estúdios, para o teatro.

### Um “supermercado” religioso para um Deus *light*

**Lire: Você afirma que, na origem, o ordenador é aquele que procede a uma ordenação, Cristo ou Deus. De onde sua pergunta: “O que deve fazer o Ordenador de origem face aos demais ordenadores?”**

**Debray:** Eu, evidentemente, não tenho a resposta. Mas eu percebo que hoje, no Ocidente, nós temos um divino *light*, *new age*, facilitador da vida, companheiro de viagem, confidente. É um Deus em pedaços, arranjado, muito plástico, que cada um molda ao seu gosto, montando seu pequeno coquetel de espiritualidade. Nos Estados Unidos, existe uma exaltação frenética, muito “Roma da decadência”. Todos os cultos são permitidos, se misturam, se encaixam uns nos outros. Nas livrarias americanas, a seção religiosa está ao lado da “minha seção”, aquela da auto-estima. Você tem prateleiras inteiras que atestam a vitalidade da pesquisa religiosa nos Estados Unidos.

### A imprensa: passagem do Livro para os livros

**Lire: Exatamente, você explica que o papel da imprensa foi decisivo na difusão do luteranismo. Havia 27 mil edições da Bíblia antes do final do século XV e – por iniciativa de seus estudantes – foram tirados 300 mil exemplares das 95 teses de Lutero em 1517. Você evoca “a desconfiança do católico em relação aos livros malditos”. Esta desconfiança subsiste ainda hoje?**

**Debray:** O surgimento da imprensa significa a substituição do Livro, que diz tudo sobre tudo, pelos livros. Apesar do *imprimatur* e da censura, eles encobrem fortes virtualidades anárquicas. O livro significa a interpretação livre dos textos sagrados, a liberdade de consciência. Pode-se entrar em relação direta com Deus, colocando o padre em curto-circuito. Cada um pode decifrar sozinho a palavra revelada. Há na leitura um fermento de dissidência, que produziu os Estados Unidos: de pessoas que partiram da Inglaterra com sua bíblia debaixo do braço. A imprensa foi um momento importante na reciclagem do Deus medieval, que estava em vias de desaparecer. Ela casou a confiança e a liberdade. Isso se traduziu numa certa suspeição da Igreja com respeito aos eleitores e se vê, ainda, no progresso dos países calvinistas e luteranos em relação aos países católicos no que diz respeito à leitura pública, à formação de bibliotecas universitárias, municipais... Essa lacuna está em vias de ser preenchida de 30 anos para cá. O primado da leitura individual entre os protestantes está sendo pago por um certo empobrecimento litúrgico e cerimonial.

## A midiologia

**Lire:** Seu último livro é, pois, uma ilustração perfeita desta ciência da qual você é o inventor, a midiologia, que consiste em analisar uma função social (como a religião) nas suas relações com os meios de comunicação...

**Debray:** Eu quero corrigir você: não é uma ciência, é uma curiosidade intelectual, um campo de investigação, um conjunto de pensamentos, uma interrogação compartilhada, nada mais. Por outro lado, eu não estou seguro de que tenha havido ciências humanas. Quando se vê sociólogos coroando astrólogos... Além disso, a midiologia não é nova. Encontramos reflexões midiológicas em Victor Hugo: "Esse (o livro) matará aquela (a catedral)"... Este gênero de reviravolta, em diagonal, é uma reflexão midiológica. Há midiologia desde que você coloca em relação duas coisas que não têm aparentemente nada a ver, um fato técnico trivial com o desenvolvimento da democracia, como o fez Balzac, no início de *Ilusões Perdidas*.

### “A secularização produziu sociedades supersticiosas, não agnósticas”

**Lire:** O último capítulo de seu livro, *A midiologia passa o bastão ao filósofo*, coloca a questão central. Por que o homem corre atrás do infinito? De onde vem esta pulsão vital?

**Debray:** Não há, sem dúvida, vida coletiva sem confiança, sem que o grupo se refira a algo: um mito fundador, um acontecimento legendário, um texto sagrado ou sacralizado, um Deus único. A secularização das sociedades não produziu sociedades agnósticas. Ela produziu sociedades supersticiosas que se entregam a cultos da personalidade delirantes, como no mundo comunista, ou a um imaginário coletivo digno de uma sociedade do século X antes de Jesus Cristo, como nos Estados Unidos, que são, apesar disso, tecnologicamente a sociedade mais desenvolvida. Na fantasmagoria americana, Bin Laden é o Anticristo, o Grande Manipulador do mal...

**Lire:** É difícil acreditar que você entregou seu manuscrito antes do 11 de setembro. Você escreve, por exemplo: “Allah akbar hoje é a choça que se chama arranha-céu” (p. 59).

**Debray:** Eu terminei meu livro no dia 02 de setembro. É uma alusão aos detentores dos direitos de pastagem que se reduzem aos detentores dos direitos de pastagem que se reduzem aos detentores de *stock-options*. Ou aos magros que se lembram dos gordos. O beduíno, o homem do comércio e do dinheiro, do consumo, tem a tendência à opulência.

**Lire:** Você também pergunta: “Quem, Deus ou o camicase, é o gerador do outro?” (p. 14)

**Debray:** Para minhas pesquisas eu trabalhei muito em Jerusalém...

## Teologia e guerra

**Lire:** E você constata que, no Novo Mundo, Deus exerce “seus talentos de reunidor, sobretudo em tempos de guerra e de catástrofe” (p. 278)...

**Debray:** Quando se está na teologia, se está no militar. Quando há Deus, há guerra. Primeiramente, na noção mesma de sagrado há uma idéia de rejeição, de *apartheid*. O sagrado é o que está à parte, que deve ser protegido, que é puro. É puro devido à evacuação, ou extermínio, da impureza. Consagramo-nos pela execração do outro. Deus não é um ser pacífico. Foi, sem dúvida, inventado para ganhar a guerra. E para dar coragem para fazê-la. Desde que há um odor de fumaça no ar, Deus volta. Enfrentar a morte sem acreditar no além, é

muito mais difícil. Os períodos de turbulências e de conflitos são muito propícios para o aparecimento do divino nos corações. Temos o exemplo hoje dos Estados Unidos. Existe todo um imaginário de redenção pelo sangue, que é próprio do monoteísmo. Para fazer a guerra, um Deus único, é muito melhor que o politeísmo... É preciso uma pedra angular. As sociedades monoteístas são sociedades duras, tenazes, que têm um bom espírito de sacrifício e um bom sentido de afrontamento. Um monoteísmo sem maniqueísmo seria a aspiração, mas é um ideal difícil. O politeísmo, grego ou romano, não é maniqueísta.

### “Sou um antiimperialista”

**Lire: Você é considerado freqüentemente antiamericano.**

**Debray:** É uma besteira que prova a infinita preguiça intelectual dos intelectuais. O que isso quer dizer? Que todos os americanos são maus? Eu sou um antiimperialista. As relações de poder são completamente independentes dos indivíduos.

**Lire: E você, você se considera um antieuropeu?**

**Debray:** Eu não acredito muito nesta Europa liberal... (Ele interrompe e se mostra nervoso.) Estes rótulos me aterrorizam. Tem-se cada vez menos tempo, então se precisa de palavras cada vez mais breves. Bem entendido, eu me defino como europeu, eu pertencço a este continente, a esta cultura, eu procuro aprender a falar muitas línguas, mas não gosto daqueles que falam um péssimo inglês a propósito de tudo e que acabam por não falar mais sua própria língua. Se a Europa pode falar em sua própria língua no mundo, muito bem; se isto é apenas uma organização mercantil, estratégica e mentalmente submissa ao império central, não sou atraído. É isso!

### A política é o lugar do delírio, da desrazão

**Lire: Depois do engajamento (na guerrilha em 1963, com Miterrand em 1981) você fala agora de seu desengajamento político. Você diz que está longe da política. Isso é possível? A política nunca esteve longe de você...**

**Debray:** Evidentemente, mas o investimento na reflexão, em idéias, em projetos no campo político, sai prejudicado. A política é o domínio do delírio, da futilidade, do passional, da incoerência, do oportunismo. Querer meter o nariz ali é cansativo, custoso. Você esbarra com o consenso, os bons sentimentos, os preconceitos majoritários, com uma produtividade muito baixa. No meu livro *Crítica da razão política* (sem dúvida o único bom livre que escrevi em toda a minha vida e que não teve o sucesso que merecia) eu procuro, desde 1980, compreender porque a política é o lugar do delírio, da desrazão, do teológico, do imaginário. Querer colocar a racionalidade nisso, para quê? Eu guardo todas as minhas convicções: eu sou um republicano de esquerda.

### A longo prazo as polêmicas são infrutíferas

**Lire: Você, então, não se tornou um intelectual de direita?**

**Debray:** Isso me faz rir. Eu sou um republicano de esquerda, mas sem o otimismo. Foi querendo fazer o bem que se produziram muitos males: o preço do angelismo é sempre elevado. Eu não me inscrevo na linha de um certo progressismo tradicional de esquerda, segundo a qual se fará a barba gratuitamente amanhã, que haverá um tribunal penal internacional para acabar com as guerras, e que as florestas das nações se tornarão um jardim

à la francesa. Eu estou atento à *realpolitik*. Eu sou de esquerda por vontade, de direita pela inteligência, pela análise. (Risos)

**Lire: Os intelectuais franceses e os jornalistas não gostam de você...**

**Debray:** Eu era antiimperialista em 1968 e eu o sou sempre. Eu era hostil ao liberalismo e continuo ainda hoje. Eu pensei que o Maio de 1968 iria introduzir o mercado e constato hoje a convergência entre Cohn-Bendit e Madelin. Eu não mudo a tal ponto. Num mundo em movimento, eu apareço talvez como provocador. Pelo contrário, eu procuro ir ao extremo das minhas convicções. Em 1981, eu acreditei que havia um reformismo possível na sociedade e que a França podia jogar um papel internacional para equilibrar a hegemonia americana, e eu entrei na Administração. Quando não mais estive de acordo com isso eu me retirei.

**Lire: Você é, não obstante, particularmente talentoso para desagradar...**

**Debray:** Os ódios que se provoca? É um assunto sem fim, vertiginoso... Mas eu não leio o que se diz de mim. É preciso fugir do rancor, do ressentimento, da vingança, do azedume. É preciso ficar alegre, se proteger. Para isso eu pratico esporte, faço ginástica, viajo um pouco, leio Marcel Aymé e Faulkner. A polêmica não me interessa mais. Eu gostei muito dela. Mas a longo prazo ela é bastante estéril. É uma arte para pessoas jovens; um velho polêmico é assustador, como um fracasso que continua. Você pensa talvez neste artigo sobre o Kosovo, aliás, do qual nada renego. Eu não respondi. É preciso se blindar. Eu fui aviltado durante oito meses. Eu faço de tudo para não manter este halo polêmico.

### “Gosto mais de ler santo Agostinho”

**Lire: Mesmo com o seu livro sobre os intelectuais?**

**Debray:** Era uma maneira que poria fim aos meus próprios estudos sobre os intelectuais. Eu queria partir batendo a porta. Eu já trabalho sobre as religiões. Interessa-me mais ler Santo Agostinho que Bernard-Henry Lévy... A gente tem dessas fraquezas...

**Lire: Você disse numa entrevista: “Quando me examino eu me entristeço; quando me comparo, me reconforto.” Isso não é um pouco excessivo?**

**Debray:** É uma fórmula. Quando me comparo a Lévi-Strauss ou a Julien Gracq, eu me entristeço... Quando me comparo a uma outra vedete da sociedade parisiense, eu me entristeço mais ainda.

### “Não acredito em respostas de curto prazo”

**Lire: E quando você se examina? Você não está satisfeito com o novo livro, original e sábio?**

**Debray:** É um livro honesto; ele deu trabalho, pesquisa. É um livro fruto da minha pequena disciplina de adoção, a midiologia. É um livro sério, pois tenho procurado entrar a fundo no tema, sem me prometer mundos e fundos. Mas a gente só sabe se um livro é bom cinquenta anos depois. Eu não acredito em respostas de curto prazo. Benjamin Constant estava convencido de que passaria à posteridade por sua grande obra sobre a religião (*Nota da redação: Da religião considerada na sua origem, nas suas formas e no seu desenvolvimento*) e considerava Adolfo como uma espécie de parêntese, do qual não estava muito orgulhoso. Eu permanecerei, talvez, graças a um livrinho que se chama *Cometa meu cometa*, que é um livro

de 80 páginas sobre uma criança. Talvez, não permanecerei de todo... Eu tenho o sentimento de que não é preciso jogar o imediato e a atualidade. Eu não deveria dizer isso a um jornalista...

## Religião – o econômico; oração diária – a bolsa de valores

**Lire:** Um pintor ou um biógrafo é, muitas vezes, transformado pela frequência de seu modelo. Esta longa intimidade com Deus transformou você?

**Debray:** Isso transformou a percepção que eu tinha dos homens. Eu não tinha a percepção de Deus. Eu tinha a percepção do modo como os homens se referem a ele. Eu não sou um crente, mas eu sou um incrédulo convencido de que é preciso crer. Quem não crê em Deus, geralmente crê em algo bem pior. Na obrigação do delírio que é a nossa para subsistir, Deus é um menos mal, do qual alguns – os santos, os artistas, os arquitetos – são às vezes um bem. Outros são uma arma de guerra. Eu dei razão aos crentes, que são portadores de uma mensagem que diz respeito mesmo aos incrédulos. Numa sociedade que tende a fazer do econômico sua religião e do relatório da bolsa sua oração diária, ter entre nós gente cuja vida não se sujeita a interesses pessoais, que não procura o lucro, é digna de um certo respeito. Mesmo que eu seja anticlerical, eu não sou um burlesco dos padres. Eu tenho alguns amigos eclesiais que me enriquecem muito. A senhora Du Deffand dizia: “Eu não creio em fantoches, mas eu tenho medo deles”; eu, eu não creio em Deus, mas eu o respeito! Ele fez sociedades através dos séculos; ele destruiu, mas ele construiu muito. Eu peço um processo eqüitativo.

## Entrevista da semana

### FILOSOFIA DA CIÊNCIA, TRANSGÊNICOS E GLOBALIZAÇÃO

#### Entrevista com Hugh Lacey

*Professor de Filosofia no Swarthmore College, na Pensilvânia, nos Estados Unidos, o Dr. Hugh Lacey concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line**, na ocasião em que veio ministrar um curso de Filosofia da Ciência para o PPG em Filosofia da Unisinos. Nascido na Austrália e residente nos Estados Unidos há 32 anos, o professor Lacey é graduado e mestre em Filosofia pela University of Melbourne, da Austrália, e doutor em Filosofia pela Indiana University, nos Estados Unidos.*

*Hugh Lacey foi professor visitante no Departamento de Filosofia da USP diversas vezes, além de ter trabalhado também na University of Sydney e na University of Melbourne, ambas na Austrália.*

*Suas áreas de especialização são Filosofia da Ciência, com especial interesse na interação entre ciência e valores e as alternativas na agricultura; Filosofia da Psicologia; Filosofia da Matemática; Pensamento Social Católico; e Teologia Latino-americana da Libertação. Entre seus livros publicados citamos **Valores e Atividade Científica**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998; **Is Science Value Free? Values and Scientific Understanding**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1999; **Psicologia Experimental e Natureza Humana: Ensaios de Filosofia de Psicologia**. Florianópolis: Núcleo de Epistemologia e Lógica, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.*

*O pesquisador é co-autor do prefácio do livro escrito por Vandana Shiva **Biopirataria - a pilhagem da natureza e do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2001.*

**IHU On-Line – Como surgiu a idéia de vir a dar o curso no Mestrado em Filosofia da Unisinos?**

**Hugh Lacey** – Há muitos anos, eu tenho contato com o Brasil, porque minha esposa é brasileira, de São Paulo. Em um congresso há um tempo atrás, fiz um contato com a professora Ana Carolina Regner, do PPG em Filosofia da Unisinos. Ficamos grandes amigos. E agora estou aqui a convite dela, dando um curso sobre *Ciência, objetividade e valores*. Estou muito interessado na relação entre pesquisa científica e valores. Na atualidade, minha atenção está muito dirigida à discussão contemporânea sobre transgênicos e seu uso na Agricultura. No curso, abordei os transgênicos, como exemplo, com base nas minhas teses gerais de valores.

***IHU On-Line* – Sua área de estudo é bem transdisciplinar?**

**Hugh Lacey** – Sim, em realidade a natureza da ciência é transdisciplinar. Eu preciso sempre interagir com pesquisa científica.

***IHU On-Line* – Qual é sua visão da pesquisa atualmente nas universidades? De que valores ela se distancia e de que valores se aproxima?**

**Hugh Lacey** – Tenho uma tese, de que toda pesquisa científica pressupõe certos valores. Por exemplo, a pesquisa que produziu os transgênicos e o cultivo provavelmente tem relações com valores ligados ao capital e ao mercado. Mas existem outras abordagens de agricultura na agroecologia, que é o tipo de agricultura que tenta simultaneamente produzir culturas e sustentar o meio ambiente e leva em conta os problemas dos mais pobres. São dois caminhos, que são difíceis de serem conduzidos simultaneamente: surgem conflitos em relação a valores e em relação ao tipo de pesquisa científica. Penso que, sob todas as perspectivas, esses valores implicam certas pressuposições sobre a natureza humana e sobre as possibilidades da vida humana. A natureza humana e as possibilidades de convívio humano são passíveis de investigação. Na questão dos transgênicos, eu estou mais interessado em entender a controvérsia e identificar exatamente os pontos de conflito.

***IHU On-Line*- Quais são os pontos de conflito em relação aos transgênicos?**

**Hugh Lacey**- As sementes transgênicas e outros “avanços” biotecnológicos estão entre os desenvolvimentos mais recentes e visíveis. Para seus defensores, as sementes transgênicas representam o futuro da agricultura; elas são, também, testemunho do engenho e providência do empreendimento científico. Busca-se, com frequência, a legitimação do desenvolvimento e emprego de sementes transgênicas na autoridade e prestígio da ciência e, com isso, espera-se silenciar todos os críticos. Contrariando esta postura, vou argumentar que a ciência não autoriza tal legitimação, e não coloca barreiras à exploração de formas alternativas de agricultura que estejam mais de acordo com a luta por justiça social. As sementes transgênicas contêm genes tirados de organismos de diferentes espécies e inseridos diretamente em seus próprios materiais genéticos, com a finalidade de gerar plantas com as específicas qualidades “desejadas”, tais como capacidades de resistir a inseticidas. Para seus criadores, as sementes transgênicas incorporam conhecimento científico; trazem a marca da ciência. Elas também trazem a marca da economia política da “globalização”, uma vez que seu desenvolvimento tem sido visto tanto como um objetivo da economia neoliberal global quanto como um meio de fortalecer suas estruturas. Tais marcas gêmeas emprestam uma aura de inevitabilidade à “revolução” agrícola prometida com o advento das sementes transgênicas: a ciência definiu a rota, a economia global fornece as estruturas para sua efetiva implementação. Assim, não é surpresa que as plantações com sementes transgênicas tenham tido um crescimento explosivo nos últimos anos. Não há outro caminho: os defensores insistem em que não há nenhuma outra maneira de fornecer o necessário para alimentar a crescente população mundial nas próximas décadas.



**IHU On-Line- Está faltando clareza nos críticos dos transgênicos?**

**Hugh Lacey-** Os críticos são de vários tipos. Alguns mostram-se apreensivos diante da “intrusão na natureza” exemplificada pelas sementes transgênicas. Outros exigem medidas preventivas à luz dos riscos ambientais e para a saúde, como inadequação de procedimentos que avaliem riscos, questões de escolha dos consumidores e rotulagem de produtos transgênicos, ameaças à biodiversidade, perigos de controle do suprimento de alimentos pelas grandes empresas e o solapamento potencial das condições necessárias para a agricultura orgânica. Alguns criticam o uso corrente de sementes transgênicas por visar principalmente ao lucro empresarial, embora apoiem a pesquisa e o desenvolvimento que têm por objetivo ajudar os povos dos países empobrecidos, por exemplo, produzindo arroz mais rico em vitamina. Alguns pensam que os riscos envolvidos constituem razão para que se abandone todo o empreendimento. Ainda outros questionam o projeto de globalização, e estão envolvidos tanto na pesquisa quanto na luta política para tornar viáveis métodos alternativos de agricultura.

**IHU On-Line- O senhor se inclui neste último grupo?**

**Hugh Lacey-** Eu sou um filósofo da ciência e a filosofia da ciência tem um papel muito importante nas controvérsias da ciência: ela pode questionar muitas coisas, inclusive a atual globalização. Eu participei de uma mesa no II Fórum Social Mundial sobre *Tecnociência, ecologia e capitalismo*, a maioria dos filósofos da mesa eram marxistas. A filosofia marxista tem outro tipo de pensamento, geralmente não tem contato com pessoas comuns, o que torna o discurso deles inacessível e freqüentemente não tem muita relevância.

**IHU On-Line- Como o senhor vê os movimentos como o Fórum Social Mundial e outros movimentos antiglobalização?**

**Hugh Lacey-** Eu os vejo com muita esperança. Na realidade, não espero muita coisas do Estado. As mudanças vêm por grupo pequenos, pequenas iniciativas.

**IHU On-Line- Qual é a maior omissão da filosofia atualmente?**

**Hugh Lacey-** A filosofia está mais voltada para o trabalho de outros filósofos do que para os problemas do mundo. Eu acho muito mais importante a filosofia se debruçar sobre os problemas do mundo do que pensar sobre a posição de Aristóteles ou Kant, que também é importante. Mas, a tentação dos filósofos é ficar na vida interna da filosofia.

**IHU On-Line- Mas, esse não seria também o pecado das ciências em geral e da universidade como lugar de conhecimento?**

**Hugh Lacey-** Sim, mas acho que, no caso da filosofia, o pecado é maior.

**IHU On-Line- A filosofia da ciência, em particular, tem um papel importante para superar a fragmentação do conhecimento?**

**Hugh Lacey-** A filosofia da ciência é um tipo de reflexão sobre as práticas científicas, então envolve a reflexão sobre metodologia científica, sobre a história da ciência e sobre a relação entre pesquisa e a aplicação das ciências, levando em conta os riscos que podem surgir na pesquisa científica. Acho que, em um país como o Brasil, é necessário desenvolver uma política científica que possa responder às necessidades das pessoas. A reflexão que a filosofia da ciência fornece permite estabelecer uma relação entre metodologias e valores.

***IHU On-Line- Além do Brasil, o senhor tem também uma estreita relação com a América Central, especialmente El Salvador. Como aconteceu essa aproximação?***

**Hugh Lacey-** Na minha universidade, durante as guerras na América Central, formamos um grupo de professores que dava palestras em universidades, escolas, movimentos e Igrejas contra a guerra, explicando o papel dos EUA nessa guerra, para que as pessoas entendessem a situação. Na época, recebíamos publicações da Universidade Centro-Americana (UCA),. Quando aconteceu o assassinato dos jesuítas na UCA<sup>22</sup> nós ficamos muito sentidos, porque eles nos tinham beneficiado muito, então publicamos uma coleção de artigos de Ignacio Ellacuria<sup>23</sup> e fizemos contatos com professores da UCA. Eles me convidaram para dar um curso de Filosofia da Ciência logo depois desse lamentável episódio. Eu tenho escrito bastante sobre Ellacuria, relacionando filosofia e teologia. Inclusive leciono Teologia da Libertação nos EUA. Para mim foi algo muito importante a relação com a América Central. Minha Universidade criou um intercâmbio com a UCA que continua até hoje.

## Análise de Conjuntura

### A REVOLUÇÃO ESTANCADA

*Cristovam Buarque, doutor em economia, é senador pelo PT-DF. Foi reitor da UnB (1985-89), governador do Distrito Federal (1995-98) e ministro da Educação (2003-04). Ele é o autor do artigo que reproduzimos a seguir, originalmente veiculado na **Folha de S. Paulo**, em 15 de junho de 2004.*

A eleição do presidente Lula foi o maior passo em direção à revolução social brasileira desde a abolição da escravatura e a Proclamação da República. Mas, cumprido um terço do seu mandato, ainda não houve nenhum gesto para reorientar a estrutura social e o rumo do País. O Brasil continua com sua perspectiva de revolução estancada. E a razão está nas características do PT e na mentalidade do presidente e de seus auxiliares.

O PT nasceu no setor mais moderno do sindicalismo -a indústria automobilística e os servidores públicos -, que cresceu sem revolução, graças à concentração da renda, ao endividamento e ao desvio de recursos públicos da área social para a infra-estrutura. Dedicou-se a canalizar as reivindicações desses trabalhadores, aliando-se a grupos da esquerda tradicional e a setores populares. Mas não trouxe uma nova utopia para o Brasil. Daí a expressão "petismo" nunca ter se afirmado.

O PT chegou ao poder como um partido de reivindicações, sem um projeto claro e aglutinador para construir o Brasil do futuro, como se o futuro fosse apenas pleno emprego e melhores salários. Por isso, o governo Lula tem se concentrado na estabilidade monetária e na política

<sup>22</sup> UCA - Universidad Centro-Americana na frente da qual seis jesuítas foram assassinados em novembro de 1989. Os jesuítas assassinados foram o então reitor da Universidade Centro-americana, o espanhol Pe. Ignacio Ellacuría, e os sacerdotes da mesma nacionalidade, Ignacio Martín-Baró, Amando López, Juan Ramón Moreno e Segundo Montes, assim como o salvadorenho Joaquín López y López. Além deles, foram também mortas a cozinheira da casa onde moravam, Elba Julia Ramos, e sua filha Celina, de 16 anos. (Nota do **IHU On-Line**)

<sup>23</sup> Ignacio Ellacuria, filósofo e teólogo jesuíta, nascido na Espanha em 1930 e assassinado em novembro de 1989, era estudioso de Xavier Zubiri (filósofo espanhol 1898-1983). É autor de, entre outros, **Conversión de la Iglesia al reino de Dios e Veinte años de vida en El Salvador**. A estes devem-se acrescentar vários artigos sobre a *Teologia da Libertação* da qual era um dos principais expoentes. (Nota do **IHU On-Line**)

comercial externa, esperando um "espetáculo do crescimento" que traria um Brasil sem pobreza nem desigualdade, com justiça social, moderno, soberano. Não há menção sistemática a um projeto alternativo, a uma utopia possível para a nação. Como se a esquerda sonhadora, irresponsável e utópica do passado, tivesse ficado pragmática, responsável e prisioneira do curto prazo.

Prova surpreendente da falta de espírito transformador é a ausência de vocabulário novo, característica de países em mutação, com bandeiras e propostas novas. Nesses 17 meses, não vimos surgir vocabulário novo no Brasil. Fome Zero é apenas uma meta, importada de programas antigos, como os dos EUA e das Nações Unidas para países pobres. O Bolsa-Família é um programa que inova na administração, unificando programas criados pelo governo passado, mas que retrocede em termos de transformação social ao deixar, na prática, de condicionar a transferência de renda à frequência escolar.

O governo argumenta que sua paralisia decorre da herança maldita recebida. Na verdade, há uma causa ideológica profunda para essa paralisia: a mentalidade, nascida e testada nas lides sindicais, que se limita às reivindicações do dia-a-dia. Nossos dirigentes têm mentalidade, não têm ideologia.

A esquerda nascida no ABC chegou à Presidência com um projeto de poder, mas sem projeto para utilizá-lo. Comprometido com os trabalhadores da indústria automobilística, o PT faz parte de uma esquerda que trabalha com o aumento da demanda, e não com o fim das necessidades. Em países pobres, a criação de demanda exige concentração de renda e desvio de recursos públicos para a infra-estrutura. Os programas sociais são complementares e, como em regimes de direita, assistenciais. Não vêm abolir as necessidades nem transformar a realidade.

O governo parece perplexo e percebe que, no mundo global, o setor público não influi na dinâmica da economia e não pode atender às necessidades dos empregados e desempregados da indústria. Com recursos limitados, não pode atender às reivindicações dos trabalhadores do setor estatal. Aos pobres sobram apenas programas assistenciais.

Falta ao núcleo do poder petista inspirar um novo projeto para o País. Combinar o pragmatismo do equilíbrio financeiro no curto prazo com a ideologia histórica do longo prazo. "Desestancar" a revolução.

Nunca foi tão necessário e possível mudar o Brasil, com uma revolução democrática, responsável, que combinasse crescimento econômico com equilíbrio ecológico e realizasse um choque social. Para isso o presidente Lula foi eleito - para desestancar a revolução, investir na educação e no crescimento econômico de um novo tipo, que atenda também às necessidades das massas, e não apenas à demanda dos consumidores, que respeite o meio ambiente, que não traga o endividamento do futuro.

Isso é possível, os recursos existem. Falta apenas vigor transformador. Para levar o plano adiante, o presidente Lula e seu governo precisam ser despertados e pressionados. E o instrumento é o PT. Apesar de seu nascimento reivindicatório, e não revolucionário, nenhum outro partido está mais perto de oferecer a energia política progressista de que o Brasil precisa.

O caminho está em não calar. Não confundir o partido, comprometido com a história, com o governo prisioneiro da administração. O silêncio em troca da camaradagem é uma traição histórica. No seu lugar, é preciso instalar uma lealdade crítica, mobilizar a base da nação petista para que ela desperte a cúpula do "Estado" petista. Caso isso não aconteça, só nos restará torcer para que outros partidos, talvez até os conservadores, entendam a necessidade de redirecionar a história do Brasil, desestancar sua revolução. Não apenas administrá-lo, mudá-lo.

## INDUSTRIALIZAÇÃO NACIONAL NÃO CRIOU TECNOLOGIA, DIZ HISTORIADOR

*Segundo o brasilianista Marshall Eakin, na entrevista a seguir, feita por Plínio Fraga e publicada na Folha de S. Paulo, em 14 de junho de 2004, no "capitalismo tropical" do país, o avanço tecnológico vem do exterior.*

O "capitalismo tropical" industrializou o Brasil, mas não criou condições de desenvolvimento de conhecimento próprio e, conseqüentemente, de domínio de tecnologia. Nos próximos dois ou três anos, o brasilianista Marshall C. Eakin, 51, doutor pela UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles) e historiador da Vanderbilt University, vai se dedicar a essa tese para o novo livro que produz sobre o Brasil.

"O que aconteceu aqui foi uma industrialização sem revolução tecnológica. O Brasil se industrializou sem o avanço tecnológico auto-sustentado. Nas indústrias brasileiras mais importantes, como as de tecidos, siderurgia e automóveis, a geração de avanços tecnológicos vem do exterior." Essa é a singularidade do "capitalismo tropical" tal como vê Eakin. Para o historiador, no século XXI, as fronteiras dos Estados nacionais estarão cada vez mais distantes de coincidir com as fronteiras econômicas do mercado transnacional. "Qual será o conceito de nação num mundo globalizado? Essas questões que dominavam a academia nos anos 1960 e 1970, de como proteger a economia e restringir mercados, não fazem mais sentido. O que é hoje uma política industrial nacional?", questiona.

Para Eakin, a esquerda em geral não encontrou uma alternativa à primazia da ortodoxia econômica neoliberal. Sua resposta tradicionalmente era defender maior participação do Estado e maior proteção à indústria nacional, medidas que hoje, segundo ele, são menos efetivas do que no passado.

"Na América Latina, mesmo com a vitória eleitoral de esquerdistas, no poder eles tiveram de continuar o modelo neoliberal. Como fazer a justiça social no mesmo modelo econômico dos conservadores? A esquerda ainda não tem resposta", diz Eakin.

As tentativas em curso, como as do governo Lula no Brasil, parecem não fazer sentido para o historiador. "Um programa como o Fome Zero realmente fará algo para mudar a estrutura social do país? Não, não fará. Antigamente o Estado tinha os recursos e os instrumentos para mudar a estrutura social. O problema para a esquerda era conseguir controlar o Estado, porque os conservadores sempre tiveram a primazia nele. Quando a esquerda começa a controlar o Estado, ele está menor. Chegou tarde", afirma.

Eakin participou até ontem no Rio do 7º Congresso da Brasa, associação de estudos brasileiros com sede nos EUA. Após 25 anos da sua primeira visita ao país, o historiador - autor de ***Brazil: The Once and Future Country*** (1998), livro para iniciantes em temas nacionais em que o país é descrito como sublime e trágico- preocupa-se hoje com o aumento da violência. "O otimismo dos anos 1960 de mudar o mundo transformou-se em desespero."

Eakin diz que, em seus momentos mais pessimistas, vê o país caminhando para o descalabro social. "Mas, nos dias otimistas, vejo que o Brasil tem os recursos para fazer algo por seus problemas."

**Folha - O senhor está escrevendo um livro sobre o processo de industrialização brasileiro no século 20. Define as singularidades do que chama de "capitalismo tropical". Quais são elas?**

**Marshall C. Eakin** - O capitalismo é um pouco distinto em cada lugar. O modelo inglês do século XVIII é diferente do modelo alemão ou americano do século XIX. Em cada lugar em que o capitalismo industrial surge, apresenta variações em seus processos. Mesmo no Brasil, o capitalismo paulista é diferente do mineiro e do fluminense. O capitalismo tropical tem a

industrialização, o crescimento econômico, mas tem uma diferença grande na comparação com o Primeiro Mundo: o avanço tecnológico gerado pelo país. Há o processo de auto-sustentação tecnológica no capitalismo industrializado dos países de Primeiro Mundo. Mas no Brasil não. Faltam pesquisa e desenvolvimento.

**Folha - Quais as hipóteses com que trabalha para explicar isso?**

**Eakin** - Nos anos 1950 e 1960, os especialistas em desenvolvimento econômico sempre estavam falando em modernização. E o modelo sempre foi único. O mesmo de Inglaterra, EUA, França e Alemanha. Todos tinham que passar pelas mesmas etapas. Sabemos hoje que nem todos passam pelas mesmas etapas. Uma parte chave desse processo foi o avanço tecnológico. O Brasil se industrializou sem essa parte. Esse é o tipo de capitalismo de países de industrialização tardia. Nas indústrias brasileiras mais importantes, como as de tecidos, siderurgia e automóveis, a geração de avanços tecnológicos vem do exterior. O Brasil tem uma das maiores indústrias do mundo. Estar entre os dez primeiros entre mais de 200 países não é uma coisa pequena. O que aconteceu aqui foi uma industrialização sem revolução tecnológica.

**Folha - Seria um exemplo clássico da Teoria da Dependência?**

**Eakin** - Os analistas dos anos 1960 e 1970, na época da Teoria da Dependência, diriam tratar-se de um processo de dependência tecnológica. Mas essa análise de dependência tecnológica não vale para os dias atuais. Nesta época globalizada, EUA, Japão e todos os países do Primeiro Mundo recebem coisas de todos os lugares. Os EUA, a maior economia mundial, dependem de muitas partes do globo: conhecimento, peças, processos tecnológicos. O caso brasileiro não é mais a dependência clássica do século XIX ou XX. Os próximos avanços tecnológicos, como, por exemplo, na área de informática, não têm como pré-requisito a existência de uma indústria de base. São avanços de conhecimento que podem ocorrer em qualquer lugar, seja na Índia, na China ou na Grã-Bretanha. O modelo de geração de conhecimento na Europa, nos EUA e de certo modo no Japão foi baseado em um triângulo: universidade, indústria privada e governo. Nos EUA, a universidade faz a pesquisa básica; a indústria paga pelo avanço tecnológico aplicado; e o governo apóia as duas pontas. Isso não acontece na América Latina. O desenvolvimento de pesquisas nas universidades aqui é muito pequeno. E nem sempre é uma questão de dinheiro. No caso da indústria de automóveis no Brasil, todas são empresas estrangeiras. Usam o conhecimento produzido na Europa, nos EUA, no Japão e na Coreia. O problema do Brasil é a falta de desenvolvimento de pesquisa dentro das universidades. A razão é que o desenvolvimento das universidades no Brasil foi muito tardio. O país não conheceu uma universidade moderna até os anos 30. A América espanhola tinha essa universidade desde o século 16.

**Folha - Como um país pode entrar na corrida pelo desenvolvimento tecnológico hoje?**

**Eakin** - No século XXI, esse triângulo universidade-indústria-governo está mudando. Há um modelo novo surgindo, ainda sem uma forma definida. Deve ser um modelo mais descentralizado. Por exemplo, nos EUA, em quase qualquer indústria há um processo de terceirização. Se você disca para o auxílio-telefonista, o atendente está na Índia. Porque a mão-de-obra de engenheiros e telefonistas é muito barata. Nesse novo modelo se intensifica o processo de utilização também dos cérebros de pessoas que não estão no país. No século XX, houve uma fuga de cérebros brasileiros para França e Alemanha, por exemplo. Mas hoje eles não precisam sair de seu país. Podem trabalhar aqui para empresas estrangeiras. A mesma coisa acontece na Índia. É uma produção de conhecimento mais difícil de ser controlada.

**Folha - Como o senhor vê o Brasil nesse cenário?**

**Eakin** - O Brasil tem uma vantagem de ter intercâmbio econômico equilibrado: uma quarta parte está com os EUA, outra com a Europa, outra com a Ásia e outra com a América Latina. Assim não é o México, que, na prática, faz parte dos EUA, dos quais dependem 80% de sua economia. O Brasil tem uma posição favorável em relação aos demais países latino-americanos. O México é do mesmo tamanho econômico, mas não tem a mesma flexibilidade. Uma coisa boa do século XXI para os países de desenvolvimento tardio é que agora o avanço tecnológico não depende de infra-estrutura. Para montar um parque siderúrgico, é preciso milhões de dólares em investimento. Na era da informática, a diferenciação está no cérebro. A possibilidade de criar existe para todo país. E aí voltamos à educação.

**Folha - Como analisa o ideário de esquerda no mundo globalizado?**

**Eakin** - Nos EUA, não há esquerda realmente. São dois partidos que estão no centro, com alas extremas para os dois lados. Não temos a esquerda tradicional da Europa e da América Latina. Mas o problema do Partido Democrata americano é o mesmo da esquerda latino-americana depois de aceita a idéia do fim da possibilidade de revolução. Seu programa tradicional eram direitos humanos e civis, justiça social, participação na economia, na política e na sociedade. Nos últimos 20 anos, o único modelo econômico é o neoliberalismo. O problema da esquerda é qual é a resposta para isso. Tradicionalmente, era defender maior participação do Estado, maior proteção à indústria nacional. Na América Latina, mesmo com a vitória eleitoral de esquerdistas, no poder tiveram de continuar o modelo neoliberal. Aconteceu no Chile e acontece agora com Lula. Se a esquerda vai seguir o mesmo modelo, o que tem para oferecer? Como fazer a justiça social dentro do mesmo modelo econômico dos conservadores? A esquerda na América Latina ainda não tem uma resposta.

**Folha - O que obviamente inclui o governo Lula no Brasil?**

**Eakin** - Se Lula continuar o modelo ortodoxo neoliberal, o que estará oferecendo que os outros partidos não podem fazer? Qual o sentido de ele estar lá? Um governo de esquerda que chegue ao poder tem que propor algo mais do que seguir o atual modelo econômico. Um programa como o Fome Zero realmente fará algo para mudar a estrutura social do país? Não, não fará. Antigamente, o Estado tinha os recursos e os instrumentos para mudar a estrutura social. O problema para a esquerda era conseguir controlar o Estado, porque os conservadores sempre tiveram a primazia. Quando a esquerda começa a controlar o Estado, ele está menor. Chegou tarde. O Estado não tem recursos para mudar a estrutura. À exceção de [Hugo] Chávez, ninguém faz nem o discurso de defender um Estado forte, protecionista, para mudar a sociedade. A idéia nem é aceitável mais. Esse é o problema da esquerda pós-revolução: criar um programa econômico que realmente possa resolver o problema social. É o maior desafio para o PT e para os democratas nos EUA. O que propor como alternativa ao único programa econômico que existe? Quando sou otimista, acho que estamos numa época na qual um novo modelo surgirá.

**Folha - O senhor sempre viu os brasileiros como otimistas acima da média. Essa percepção começa a ruir?**

**Eakin** - Sempre houve tensão entre o otimismo natural do brasileiro e o desespero de as coisas não funcionarem. Mas essa tensão cresceu na última década. Cheguei ao Brasil pela primeira vez em 1979. Nestes 25 anos, a preocupação com a violência foi o que mais cresceu. Não havia tantos problemas de tráfico de drogas e violência contra pessoas. Esse é o problema do

tecido social esgarçado. O otimismo dos anos 1960, de mudar, transformou-se hoje em desespero. Os jovens não têm confiança no sistema político.

#### **Folha - Mas o senhor é pessimista ou otimista em relação ao futuro do Brasil?**

**Eakin** - Nos meus dias mais pessimistas, vejo o Brasil, daqui a dez anos, numa situação social insuportável, por não ter resolvido as necessidades básicas para a população, sem emprego, confiança, fé no futuro. Mas, nos meus dias otimistas, vejo que o Brasil tem os recursos para fazer algo por seus problemas. A diferença entre hoje e 50 anos atrás é que as possibilidades atuais estão nas mãos dos brasileiros. Isso não era assim nos anos 1950. O Estado não mantém tantos recursos como antes, mas tem mais diversidade nas opções de desenvolvimento. O problema se situa em duas coisas: liderança política e organização do que chamo de *grass roots* [bases sociais]. A sociedade tem de fazer um movimento na base para mudar e é preciso liderança política para isso no governo. Tem que ser uma atuação conjunta. É o único caminho.

## Deu nos jornais

### **“Decepcionante!” Abstencionistas e eurocéticos ganham as eleições europeias**

Os líderes europeus não esconderam, no último dia 14 de junho, a sua frustração ante a espetacular abstenção nas eleições europeias. Somente 45,5% dos eleitores votaram nos 25 países membros da União Europeia. Nos novos Estados membros da União Europeia, foram somente 26,4%. A notícia está numa longa reportagem publicada dia 15 de junho de 2004, no jornal espanhol **El País**. Segundo o presidente francês, Jacques Chirac, a participação nas eleições foi “decepcionante”. Para Romano Prodi, presidente da Comissão Europeia, a responsabilidade do fiasco é a “falta de entusiasmo dos grandes partidos”. O presidente polaco, Aleksander Kwasniewski, manifestou, com dureza, sua irada decepção pela participação de 20% dos poloneses nas eleições: “Pode-se explicar o fenômeno de muitas maneiras, mas temo que a verdade é muito desagradável: ela fala de irresponsabilidade dos meus compatriotas”. “Decepção” e “frustração” foram as palavras mais reiteradas nos círculos políticos europeus. Para Joschka Fischer, ministro das relações exteriores da Alemanha, do Partido Verde, “está claro que temos um problema”.

### **Países do Leste Europeu: uma mensagem temível**

Rossana Rossanda, importante intelectual e jornalista da esquerda italiana, num artigo publicado no jornal **Il Manifesto**, 15-6-04, analisando as eleições europeias afirma: “Há uma mensagem temível que vem dos países do Leste da Europa. Aquelas populações, antes desprovidas da participação política pelos regimes comunistas e depois pela liberalização selvagem, resultaram presas num dramático abstencionismo. Não confiam mais em ninguém com exceção de alguma tentação populista e, temendo a Alemanha e a Rússia, se agarram à possibilidade de serem os mais fiéis aliados dos EUA. Inclusive nos países onde o *referendum* pela Europa fora aprovado, a participação dos eleitores foi mínima”.

### **O que aconteceu com o neoliberalismo?**

Sob o título acima, Roberto Mangabeira Unger publica um interessante artigo na **Folha de São Paulo** de 15-6-04. “Escorraçado de quase toda a parte, o neoliberalismo refugiou-se no Brasil. Como doutrina para os outros - os subdesenvolvidos -, a proposta neoliberal sobrevive hoje em

quatro redutos: economistas, formados nos Estados Unidos nas últimas décadas do século passado, que estudaram o desenvolvimento como mero campo de aplicação das idéias reinantes em economia; o setor do governo americano que ensina a outros países o que fazer, ajudado por seus agregados no FMI e no Banco Mundial; os meios financeiros de elite; e a imprensa internacional de negócios”. E o artigo, que merece ser lido na íntegra, conclui: “Aí está a história do Brasil de hoje - caldeirão reduzido a marasmo, governado no regime tucano-petista por gente que junta a covardia com a falta de imaginação. Para sair disso, é preciso mudar, ao mesmo tempo, o poder e as idéias. Quem disser que sabe como reunir hoje os recursos humanos, materiais e partidários, exigidos por essa campanha transformadora estará mentindo. Ninguém ainda sabe como. Cada dia, entretanto, aumenta o número dos que procuram descobrir. Hoje, a vitória desses inconformados, ainda dispersos, pode parecer impossível. Não tardará o momento em que ela começará a parecer inevitável”.

### **O crescimento econômico da Argentina impressiona!**

“O PIB cresce a um ritmo anual de 11%, o segundo maior índice do mundo, e a balança comercial apresenta superávit de US\$ 14,2 bilhões em 12 meses (até março), o que proporciona superávit de US\$ 7,9 bilhões na conta corrente externa. A inflação mantém-se comportada em 3,3% ao ano, apesar dos juros nominais de apenas 5,5%” - escreve Benjamin Steinbruch, empresário, diretor-presidente da Companhia Siderúrgica Nacional em artigo na **Folha de S. Paulo**, 15-6-04, comentando o espetacular crescimento econômico argentino. Para ele, “esses números não indicam que a Argentina esteja salva. Mostram apenas que o país, depois de ver a renda per capita de sua população cair mais de 20% em três anos, vive um momento de grande crescimento econômico”. E ele conclui o artigo afirmando: “A lição da ‘ressurreição’ argentina, portanto, não está na idolatria do calote da dívida. Está na aposta no crescimento. Mesmo em economias gravemente machucadas por rupturas recentes, como a Argentina, não se pode jogar pela janela nenhuma oportunidade de expandir a produção e o emprego. No ano passado, no Brasil, com condições muito melhores que a Argentina, o Banco Central ‘papou mosca’, na expressão da economista Eliana Cardoso, ao agir timidamente na redução da taxa de juros. Espero que não faça o mesmo de novo agora”.

### **Um bilhão de reais e o salário mínimo**

“O governo parte com tudo para a última rodada de negociações para a votação do salário-mínimo de R\$ 260 no Senado, com R\$ 1,1 bilhão em caixa. O dinheiro deve ser destinado a projetos de investimentos sociais e em infra-estrutura dos ministérios, mas também servirá para atender à liberação de emendas dos parlamentares”. A notícia foi publicada pelo jornal **O Globo**, 14-6-04. A notícia foi comentada na coluna de Jânio Freitas, na **Folha de S. Paulo**, 15-6-04.

### **Brasil: apesar da recessão, aumenta o número de milionários**

A recessão de 2003 não foi sentida da mesma maneira por todos os brasileiros. No ano em que o Produto Interno Bruto (PIB, a soma das riquezas produzidas no País) recuou 0,2% e o desemprego bateu recorde, o número de milionários do Brasil aumentou 6%: de 75 mil, em 2002, para 80 mil. A riqueza desse seleto grupo teve uma expansão de 2,94%, passando de US\$ 1,7 trilhão para US\$ 1,75 trilhão no ano passado. O número é mais de três vezes o valor do PIB de 2003 (cerca de US\$ 500 bilhões), mas reflete realidades distintas. A riqueza financeira leva em consideração aplicações em imóveis, fundos, bolsa, previdência, entre outros. Trata-se do estoque pessoal de riqueza dos indivíduos. Já o PIB é o fluxo de riqueza gerada em um ano e que agrega valor à produção econômica. Os dados constam do *Relatório*



*Anual de Riqueza*, elaborado pelo banco de investimentos Merrill Lynch e pela consultoria Capgemini, divulgado no último dia 15 de junho. A notícia está publicada no jornal **O Globo**, 16-6-04. O estudo confirma o efeito perverso da má distribuição de riqueza: “A América Latina continua a ser o perfeito exemplo da polarização econômica entre ricos e pobres: os milionários latino-americanos têm a maior média de riqueza individual de todas as grandes regiões”.

### **Plano Real. Dez anos. Um balanço**

Delfim Netto, economista e deputado federal, analisa os dez anos do Plano Real em dois artigos publicados no jornal **Valor Econômico**, 15-6-04 e na **Folha de S. Paulo**, 16-6-04. No artigo publicado na **Folha de S. Paulo**, Delfim Netto mostra que, se o Plano Real significou acabar com a inflação no Brasil, ela desapareceu, igualmente, do mundo. “Hoje, por exemplo, dos 40 países cujas estatísticas são publicadas semanalmente pela *The Economist*, apenas um (a Venezuela, com 23%) tem taxa de inflação anual maior do que 10% (Turquia tem 10,2% e Rússia tem 10,3%). Um crítico severo não faria justiça se dissesse que o governo FHC não fez mais do que o mínimo do que dele se esperava: colocar a taxa de inflação nacional no nível da verificada nos países que detêm 97% do PIB mundial. E mais: que levou oito anos de crescimento absolutamente ridículo para fazê-lo. Quando se compara com programas de estabilização bem-sucedidos em outros países, o Real deixou efeitos colaterais que empanam o seu brilho, como é o caso do endividamento interno e externo” - escreve Delfim Netto.

### **Plano Real. Dez anos de inflação de ricos e estagnação de pobres**

Segundo Delfim Netto, no artigo acima citado, “é possível fazer uma apreciação do resultado físico do plano Real, dividindo-o em seus dois períodos naturais: 1995 a 1998, quando a política econômica foi formulada por nossos economistas; e o período de 1999 a 2002, quando ela se submeteu à orientação do Fundo Monetário Internacional, porque o País havia quebrado às vésperas da reeleição de FHC, uma história comentada nos livros de Paul Blustein (***The Chastening***, de 2001) e de Robert Rubin (***In An Uncertain World***, de 2003). Utilizando os dados da composição do produto interno bruto (PIB) de 1994 como base, e de 1998 e 2002 para separar o primeiro do segundo mandato, temos: Inflação de ricos, estagnação de pobres”. O livro de P. Blustein, citado pelo economista, está traduzido para o português. Trata-se de um livro importante para entender os bastidores internacionais do Plano Real. Por sua vez, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou, na série **Multitextos**, um artigo de Paul Blustein sobre os bastidores internacionais da *debâcle* argentina (*A Argentina não caiu por si - Multitextos* ano 1, n.º 2, outubro de 2003). Para maiores informações: [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br) Delfim Netto conclui o artigo, afirmando: “O custo final do Real foi, infelizmente, muito caro para a sociedade. Compramos a estabilidade à custa de um crescimento pífio, do aumento do tamanho do governo, e recebemos, como herança, a maior dívida que este país já teve”.

### **As bem-aventuranças e o programa econômico de Lula**

O economista Marcio Pochmann, secretário de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade da Prefeitura de São Paulo, em texto para a revista **Debate Sindical**, escreve: “Mantida a atual situação econômica nacional submissa aos interesses das altas finanças, conforme observado desde 1990, tende a permanecer o aprisionamento da política macroeconômica ao circuito da financeirização da riqueza, gerando estagnação produtiva e abundância de desempregados”. A citação está no artigo de Clóvis Rossi, jornalista, publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, 17-6-04. E o jornalista, fazendo referência às bem-aventuranças lidas no casamento caipira na Granja do Torto, no último dia 12 de junho, comenta: “Ainda bem que, na missa dos 30 anos de

casamento do casal Lula-Marisa, Frei Betto avisou que só são “bem-aventurados os que governam, conspirando a favor da maioria, sonegando aos poderosos privilégios e honrarias”. E referindo-se ao aumento do número de milionários brasileiros no primeiro ano do governo Lula e da queda, concomitante, de renda dos trabalhadores brasileiros, o jornalista comenta: “como os privilegiados ficaram ainda mais privilegiados no Brasil de Lula, supõe-se que o frade esteja antecipando uma guinada total na política econômica. Afinal, seria feio mentir em plena missa, não?”

### **Acordo Mercosul - União Européia está morto?**

“Em paralelo à conferência da Unctad, que se realiza em São Paulo nesta semana, prosseguiram as negociações comerciais entre a União Européia e o Mercosul. As reuniões foram descritas pela imprensa como “tensas”. Há dúvidas sobre se um acordo é possível. Extra-oficialmente, falou-se até em dar os entendimentos por encerrados”. A constatação é do economista Paulo Nogueira Batista Jr, no artigo *Réquiem para o acordo Mercosul - União Européia*, publicado dia 17-6-04, no jornal **Folha de S. Paulo**. Segundo o economista, “as negociações com a União Européia reproduzem muitos dos problemas que enfrentamos na Alca. Os europeus também oferecem pouco em termos de acesso adicional a mercados e são notoriamente resistentes em matéria de abertura na área agrícola. Por outro lado, as suas propostas são ambiciosas em temas, como serviços, investimentos e compras governamentais. Se aceitas, configurariam provavelmente restrições importantes à implementação de programas nacionais ou regionais de desenvolvimento”. Para Paulo Nogueira Batista Jr, a União Européia é tão inflexível nas negociações quanto os EUA na Alca. Ele afirma: “Comenta-se que a União Européia é mais flexível do que os EUA. Fora dos círculos oficiais, ninguém sabe ao certo em que se baseia essa avaliação, pois as negociações têm sido conduzidas de forma muito pouco transparente. Sabe-se menos a respeito das negociações Mercosul - União Européia do que sobre as da Alca. O que tem vindo a público são informações divulgadas pelos jornais, sempre bastante incompletas, e não raro contraditórias”. E o economista conclui: “No fim das contas, fica a impressão de que a negociação com a União Européia, assim como com a Alca, é uma grande perda de tempo. Não se percebe bem o que nos move a continuar com essas tratativas. Os benefícios são duvidosos. Há riscos consideráveis para a indústria do País e a autonomia da política econômica”.

### **O Governo Lula e o salário-mínimo. Dá para entender?**

A principal manchete dos jornais brasileiros de 18 de junho se refere à derrota do Governo Lula, no dia 17 de junho, no Senado. Um leitor desavisado, que lesse essa manchete há dois anos pensaria que o governo do Partido dos Trabalhadores foi derrotado, porque queria um aumento maior para o salário-mínimo. Mas certamente ficaria confuso ao olhar as fotos das primeiras páginas dos jornais, onde aparece, em primeiro plano, o senador Antônio Carlos Magalhães escancaradamente festejando a derrota da proposta do governo ao lado da senadora Heloísa Helena e do senador Artur Virgílio do PSDB. A proposta do governo foi derrotada pelo destaque proposto pelo PFL, aumentando o salário para R\$ 275. Dá para entender? Ou seja, o PFL propõe aumento do salário-mínimo, de meros R\$ 15, e o governo Lula move mundos e fundos para manter o valor de R\$ 260. Três senadores do PT votaram contra a MP do governo: Paulo Paim, do Rio Grande do Sul, Flávio Arns, do Paraná e Serys Slhessarenko, senadora do Mato Grosso do Sul.

**Lula: “Vamos votar mesmo que seja para perder”**

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva jogou a toalha e decidiu votar a medida provisória do salário-mínimo, sabendo antecipadamente que seria derrotado no Senado. A informação é do jornalista Ilmar Franco, publicada no jornal **O Globo**, 18-6-04. Segundo o jornalista, depois de avaliar com seus assessores, Aldo Rebelo, José Dirceu, Antonio Palocci, Guido Mantega, Luiz Dulci e Luiz Gushiken, as repercussões políticas e econômicas da derrota, Lula avisou: "Vamos votar, mesmo que seja para perder". Por sua vez, o presidente da Câmara, João Paulo, apoiou o presidente afirmando: "Manda bala, presidente, que nós seguramos os R\$ 260 aqui na Câmara".

### **As armas do PT de ontem ferem-no, hoje!**

"Ironicamente, foi uma derrota política com as mesmas armas que o PT usou indefinidamente quando estava na oposição. O aumento real de 1,3% do salário-mínimo repõe a queda do PIB per capita do ano passado, que foi de 1,5%. E ontem, na tribuna, era de dar pena o líder do governo, senador Aloizio Mercadante, tentando chamar a oposição à realidade, mostrando que o equilíbrio fiscal precisava ser preservado". O comentário é do comentarista político Merval Pereira no jornal **O Globo**, 18-6-04. Segundo ele, "o mais interessante é que Mercadante, como todo o PT, se referia à rede de proteção social que o governo Lula estaria criando com o Bolsa-Família, como mais eficiente para combater a miséria do que simplesmente o aumento do salário-mínimo. O próprio Mercadante, tentando atrair a oposição a um acordo, lembrou que o Bolsa-Escola, origem do Bolsa-Família, havia sido implantado no governo Fernando Henrique. Só esqueceu de dizer que, mesmo assim, o PT exigia sempre um aumento maior para o salário-mínimo, desprezando os mesmos argumentos que ontem esgrimia". E o jornalista diz mais: "O que estava em disputa ontem não era mesmo o tamanho do salário-mínimo, mas o tamanho da maioria do governo. No final, o grito de 'minoridade é maioria' determinava bem a situação de uma base que não se mostrou sólida o suficiente para enfrentar a crise latente que a vem corroendo, desde que o governo não se empenhou para aprovar a possibilidade de reeleição das presidências da Câmara e do Senado".

### **A China e a soja**

"A crise da soja com a China e a intenção anterior dos chineses de adquirir o grão diretamente dos produtores brasileiros são uma boa razão para avaliar com olhos mais realistas - e menos ufanistas - o que significa e o que poderá significar o agronegócio para o Brasil. A cadeia da soja está literalmente dominada por multinacionais, que atuam em forma de oligopólio. O Brasil é o maior produtor do mundo. Os mercados estão suficientemente integrados para não depender de intermediários. Está na hora de pensar em uma política clara que transfira para o País o poder de mercado, permitindo que o valor agregado da comercialização fique no País". A análise é de Luís Nassif, comentarista econômico na sua coluna de 18 de junho, publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, 18-6-04.

### **Meia dúzia de multinacionais dominam o complexo soja**

Citando Samuel Dourado, sojicultor e economista, Luís Nassif, na coluna citada acima, afirma: "O chamado complexo soja (soja em grão, farelo e óleo) é dominado por não mais que meia dúzia de multinacionais. Essas empresas estão verticalizando suas atividades. Antes apenas compravam os grãos. Agora, também vendem os insumos para produzi-los (fertilizantes, defensivos, sementes). As plantas das indústrias de óleo, farelo e outros derivados são de elevada capacidade de produção, mas inacessíveis ao pequeno e ao médio empreendedor, assim como é inacessível o comércio de exportação de soja." "Após as colheitas, as mesmas empresas estão na ponta, adquirindo os produtos. O sistema de armazenagem e

comercialização é estruturado de forma a fornecer a 'faca e o queijo' a elas, que recebem, classificam e põem o preço na soja adquirida, ou por meio de seus armazéns ou por meio de cooperativas, que, com poucas exceções, fazem seu jogo, diz ele. Essa estrutura perversa de armazenagem permite que as compradoras, no período de safra (fevereiro a maio), baixem seus preços a níveis insuportáveis, justamente no momento em que o agricultor é obrigado a vender a maior parcela de sua produção para pagar os insumos da lavoura”.

### A soja na Bolsa de Chicago e as multinacionais

Luís Nassif, na mesma coluna acima citada, chama a atenção para o seguinte: “É só observar o comportamento da soja na Bolsa de Chicago, diz ele. Se o preço do dólar sobe no Brasil, as cotações da soja em Chicago caem imediatamente para referenciar os preços internos de compra do produtor. E vice-versa. Esse mecanismo permite manter os preços internos aos produtores em reais a níveis desejados pelos operadores do mercado.” “Quando os produtores não dispõem de crédito no prazo e volume necessários, a dependência se agrava. As multinacionais impõem os chamados Contratos de Adesão de Compra e Venda de Soja, muitas vezes, acompanhados das Cédulas de Produtos Rurais (CPRs). Essas cédulas foram criadas em benefício do produtor, na obtenção de crédito para suprir sua necessidade de capital de giro na implantação e na condução das lavouras. Só o produtor pode emitir uma CPR. Só que as multinacionais passaram a utilizar os CPRs como garantia dos contratos. Uma vez executado, mesmo não sendo representativo de dívida real, o título permite ao juiz executar a garantia, pelo direito aparente que o título representa”.

### País tem 27 mi de pessoas “sem-previdência”

O Brasil tem 27 milhões de trabalhadores sem cobertura de previdenciária. Informou o jornal **Correio Braziliense**, 16-6-04. O número de excluídos do regime previdenciário foi divulgado pela Secretaria de Previdência Social. De acordo com a nova metodologia da secretaria, 27 milhões de trabalhadores brasileiros estão socialmente desprotegidos. Deste total, 16,9 milhões possuem renda igual ou superior a um salário-mínimo (R\$ 260). Ou seja, poderiam ser incorporados ao sistema previdenciário contributivo a partir de políticas de inclusão.

*A editoria Deu nos jornais foi elaborada em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.*

## Frases da semana

### Biografia comprometida?

“Estou sempre lá no governo puxando para o presidente atender ao MST, à Central Sindical, a movimentos populares, atender a índio. Eu sou lobista dos pobres”. - **Frei Betto** - Coluna Merval Pereira - **O Globo**, 15-6-04.

“Eu temo comprometer é a minha coerência de vida, minha biografia, minhas opções, meus princípios. O grande temor que eu tenho é esse”. - **Frei Betto** - Coluna Merval Pereira - **O Globo**, 15-6-04.

“Ainda estou convencido de que estamos caminhando na direção certa”. - **Frei Betto** - Coluna Merval Pereira - **O Globo**, 15-6-04.

**Bush. Irresponsabilidade fiscal**

“Greenspan e quase todos os analistas começaram a dar-se conta de quão irresponsável tem sido o governo de George W. Bush, que aplicou cortes fiscais e incrementou o gasto, medidas que, juntas, são o exemplo mais cabal da irresponsabilidade fiscal jamais vista”. - **Joseph Stiglitz**, prêmio Nobel de economia - *La Jornada*, 17-6-04.

“Para mim é absolutamente vital que haja uma mudança no governo dos EUA. Creio que, com um novo governo em Washington, se criarão as bases para uma nova globalização, para tratar de estabelecer uma nova ordem econômica baseada em princípios de justiça social e solidariedade”. - **Joseph Stiglitz**, prêmio Nobel de economia - *La Jornada*, 17-6-04.

**Lula. Responsabilidade fiscal**

“Se a Europa e os EUA, que arrecadam o mesmo tanto ou mais impostos do que o Brasil, não conseguem impulsionar a economia a ponto de gerar trabalho com 3% a 4 % de déficit, como o Brasil conseguirá fazê-lo com 4,25% de superávit?” - **Oded Grajew**, empresário, idealizador do Fórum Social Mundial, é diretor-presidente do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social. Foi assessor especial do presidente da República (2003) – *Folha de S. Paulo*, 21-6-04.

“Nenhuma pessoa, organização ou empresa tem condições de se desenvolver comprometendo um terço de sua renda ou faturamento para pagar juros. Ano após ano, eleição após eleição, governo após governo, continuamos a nos enganar”. - **Oded Grajew**, empresário, idealizador do Fórum Social Mundial, é diretor-presidente do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social. Foi assessor especial do presidente da República (2003) – *Folha de S. Paulo*, 21-6-04.

**Brasil - China**

“Não há dúvida de que o par que todo mundo quer levar ao baile é a China. Toda a comunidade empresarial ao redor do mundo está focada nisso. Todos estão correndo para dar um jeito de entrar no mercado chinês, e, certamente, o Brasil não está mais na mesma posição que ocupou em meados e finais dos anos 1990”. - **Mark Smith**, vice-presidente executivo do Conselho de Negócios Brasil-EUA da Câmara Americana de Comércio – *Folha de S. Paulo*, 21-6-04.

“Quando temos um mercado como o da China crescendo a 11% ou 12% ao ano e um crescimento modesto no Brasil, os investimentos simplesmente vão para onde o mercado está crescendo”. - **Mark Smith**, vice-presidente executivo do Conselho de Negócios Brasil-EUA da Câmara Americana de Comércio – *Folha de S. Paulo*, 21-6-04.

**O cliente é rei!**

“O cliente não vai à loja só para comprar um produto. Ele vai para ter uma experiência, e os vendedores têm liberdade para decidir preço e são responsáveis também pela aprovação do crédito”. – **Luíza Helena Trajano Rodrigues**, diretora superintendente do Magazine Luíza – *Zero Hora* - 18-6-04.

## EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

### Ciclo de estudos sobre “O método”, de Edgar Morin

Os participantes do evento **Ciclo de estudos sobre “O método”, de Edgar Morin** e demais interessados em debater a obra do pensador francês estão convidados para o Seminário sobre o volume III: O conhecimento do conhecimento. Quem estará à frente do trabalho, no dia 24 de junho, das 14h às 17h, na sala 1G119 do IHU, será o Prof. Dr. José Roque Junges, que também organiza o evento, ao lado do Prof. Dr. Inácio Neutzling, coordenador do IHU.

O Prof. Dr. José Roque Junges é professor no PPG em Saúde Coletiva na Unisinos e participante do grupo temático Teologia, do Instituto Humanitas Unisinos. Graduado em Filosofia, pela PUCRS, mestre em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Chile, e doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, na Itália, Junges é autor dos seguintes livros: **Bioética: perspectivas e desafios**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999; **Ecologia e criação – Resposta cristã à crise ambiental**. São Paulo: Loyola, 2001; **Evento Cristo e Ação Humana: Temas fundamentais da Ética teológica**. São Leopoldo: Unisinos, 2001. Do Prof. Roque já publicamos uma entrevista no **IHU On-Line** número 48, de janeiro de 2003. Ele comentou, na edição número 73, de 1º de setembro de 2003, quais são os autores que influenciam sua trajetória acadêmica.

Confira, a seguir, a entrevista que o professor José Roque concedeu, por e-mail, ao **IHU On-Line**.

#### **IHU On-Line - Quais as idéias que mais destacaria do Volume 3: O conhecimento do conhecimento?**

**José Roque Junges** - Nesse volume, Morin explicita, antes de mais nada, o enraizamento biológico do conhecimento, mostrando que viver identifica-se com o conhecer. Quem vive conhece para poder sobreviver. Assim o conhecimento deixa de ser um apanágio dos seres humanos, tornando-se uma característica de qualquer ser vivo. Biologicamente, conhecer significa computar no sentido de traduzir informações a partir de um sistema de signos para construir uma solução a um problema. No animal, o conhecer adquire uma complexidade maior devido ao sistema nervoso e à mobilidade muscular que o abrem ao ambiente de onde recolhe informações que são trabalhadas no cérebro, criando aptidões estratégicas. A partir desse enraizamento biológico, Morin procura entender em que consiste a especificidade humana do conhecimento. Aqui se coloca a questão da relação entre o cérebro e o espírito. A atividade do espírito é uma produção do cérebro, mas a concepção do cérebro é uma produção do espírito. Nos humanos, a computação cognitiva dos animais adquire a forma da cogitação. Ela foi desenvolvida pela linguagem que possibilita pensar a realidade na esfera proposicional. Mas o cogitar não deixa de ser um computar informações com base em um sistema de princípios para solucionar problemas. Ela significa conceber a realidade dos signos que formam a linguagem. Na cogitação, o ser humano computa a realidade dos significados expressos na linguagem. Isso abre para a reflexão e a consciência, onde existe uma volta sobre si no ato de pensar. O ser humano se dá conta que está pensando ou concebendo a realidade. Por fim, a partir da biologia e da antropologia do conhecimento, Morin tenta uma psicanálise que aponta para os limites, as incertezas, as cegueiras e as misérias do conhecimento. Por isso é necessário levar em consideração a existencialidade do conhecimento, pois o pensamento depende dos estados

emocionais. Esses estados podem não só servir de incentivo, mas também levar a desvios. Daí a intenção terapêutica em relação ao conhecimento, que é o objetivo primordial de toda obra "O Método".

***IHU On-Line - Quais as conseqüências desta visão para o conhecimento científico?***

**José Roque Junges** - Morin é um crítico do paradigma atual de conhecimento científico, porque a metodologia usada não consegue dar conta da complexidade da realidade por ter uma visão unilateral e simplificadora. A ciência moderna só considera como conhecimento válido aquele que se expressa na forma lógica, usa linguagem racional e tem o objetivo de explicar. A analogia baseada em metáforas não é considerada conhecimento científico. A linguagem simbólica e mitológica é tida como não racional e pré-científica. A compreensão do significado de realidades particulares não faz parte da ciência, porque esta se pauta pela universalidade. Não existe conhecimento científico do particular. Por isso o sujeito foi banido da ciência. Morin questiona todas essas contraposições maniqueístas vigentes na ciência moderna.

***IHU On-Line - Como Morin define a inteligência e como podemos desenvolvê-la?***

**José Roque Junges** - A inteligência, o pensamento e a consciência são emergências de miríades de inter-retroações computantes e cogitantes com qualidades próprias e certa autonomia, mas retroagindo em círculo sobre as atividades cerebrais. A computação da inteligência define-se como arte estratégica, a do pensamento como arte da concepção e a da consciência como a arte reflexiva. A inteligência é uma qualidade anterior e exterior ao pensamento humano, porque ela existe também nos animais dotados de aparelho neurocerebral. Eles desenvolvem uma arte estratégica individual, comportando astúcia, utilização dos riscos, a capacidade de aprender dos erros. Pela inteligência, o animal desenvolve aptidões estratégicas para sobreviver num meio cheio de riscos e ameaças. A inteligência humana emerge desta inteligência animal, tendo uma complexidade muito maior, pois não enfrenta apenas os desafios do meio ambiente natural, mas também os do mundo psíquico, social, cultural e histórico. Assim existe uma complexificação da inteligência espiritual, cultural e social, possibilitada pela linguagem, que abre as estratégias da inteligência para o pensamento (concepção) e a consciência (reflexão). Assim as estratégias da inteligência humana acontecem na linguagem pela concepção e pela reflexão. A inteligência é sempre estratégica nos seus exercícios, mas essa estratégia torna-se uma arte. Como estratégia, ela mobiliza o melhor das aptidões individuais para resolver problemas.

***IHU On-Line - Quais as conseqüências dessa visão para aprendizagem?***

**José Roque Junges** - Se a inteligência é essencialmente a arte da estratégia, então a aprendizagem significará desenvolver competências estratégicas para enfrentar riscos, para aprender dos erros e para resolver problemas num mundo sempre mais complexo. A aprendizagem não pode ser confundida com memorização de conteúdos, mas deve desenvolver a curiosidade que sempre questiona e desorganiza o conhecimento já adquirido. Assim acontecem novas computações cerebrais e cogitações que possibilitam o surgimento de novas estratégias para resolver os problemas, sabendo situar-se no meio em que se vive. Assim o cérebro é uma máquina hipercomplexa que calcula computações cerebrais para problematizar soluções e solucionar problemas. A inteligência humana é uma emergência desta máquina hipercomplexa do espírito, que problematiza e soluciona por meio do pensamento e da consciência. Por isso a aprendizagem deve, antes de mais nada, desenvolver o espírito crítico, criando a competência para problematizar as respostas já adquiridas e solucionar os novos problemas postos.

### **IHU On-Line - O que é a consciência para Morin e como ela pode ajudar ao desenvolvimento humano?**

**José Roque Junges** - O desenvolvimento pleno do espírito comporta sua própria reflexividade, isto é, a consciência. Ela é o produto e a produtora da reflexão. Trata-se do retorno do espírito sobre si mesmo por meio da linguagem. Esse retorno permite o pensamento do pensamento capaz de retroagir sobre o pensamento. Ela possibilita o pensamento de si apto a retroagir sobre si. Reflexão significa a duplicação de quem reflete no refletido. É a consciência de si que duplica as atividades do espírito, porque é, ao mesmo tempo, consciência objetiva de algum conteúdo pensado e consciência subjetiva, enquanto tem igualmente a si mesma como objeto. Essa duplicação é a consciência da consciência, a auto-objetivação do espírito que possibilita o surgimento da ética, porque permite retomar, revisar, reformar o agir. Nesse sentido, a consciência é essencialmente ética, porque permite retroagir sobre si mesma. Dessa constatação seria de esperar que a consciência atingisse níveis sempre mais superiores de ética como fruto do retorno reflexivo do pensamento sobre o pensamento. Mas se esquece que a consciência emerge de um fundo inconsciente e que a consciência recobre apenas parcialmente o âmbito do conhecimento e do pensamento. Muitas atividades do espírito são fruto de dinâmicas inconscientes que podem levar a uma falsa consciência. Por isso é que vão esperar o reino soberano infalível da consciência, pois tudo o que é complexo é frágil. As aptidões à regressão e à perversão são inerentes à consciência. O ser humano é simultaneamente *sapiens* e *demens*.

## **IHU Idéias**

A última edição de **IHU Idéias**, no dia 17 de junho de 2004, contou com o debate “Comunicação Visual Urbana: pensando o uso do espaço visual público”. A convidada foi a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lara Regina Morales Espinosa, profissional da área do design e professora das Ciências da Comunicação da Unisinos. Lara Espinosa concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** na 105<sup>a</sup> edição, comentando os principais aspectos do tema desenvolvido durante o evento. A professora apresentou seu projeto de pesquisa, enfatizando a necessidade da mudança cultural e de educação das pessoas, que deveriam considerar a comunicação visual nos espaços públicos, como a pichação, por exemplo, uma forma de expressão artística livre, numa demonstração de manifestação pública. A temática suscitou um polêmico debate ao final da explanação.

### **Ecos do evento**

“A fala da professora foi interessante no sentido pedagógico de reconhecer outras culturas que ocupam o espaço urbano. Ela mostrou que existe a possibilidade de expressões criativas e diferenciadas de pessoas que não são reconhecidas pela sociedade. Pudemos perceber que essas interferências marcam identidades. No ponto de vista da educação, pode-se dizer que as escolas não reconhecem outras formas, outros lugares e expressões culturais que também educam. Com elas nós podemos aprender a ver a nós mesmos e aos outros de maneiras diferentes”.

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cecília Osowski, professora nas Ciências Humanas da Unisinos.**



“A professora Lara abordou o assunto de maneira profunda, suscitando idéias e propiciando a reflexão sobre um tema que, muitas vezes, nos passa despercebido”.

**Jussandra Becker, aluna do curso de Publicidade e Propaganda da Unisinos.**

“Gostaria de destacar três aspectos na explanação da professora. O primeiro é em relação à apresentação que ela fez dos agentes que interagem com a comunicação visual, muito bem classificados nos níveis de uso, juízo e interesse. É muito importante que nós entendamos como acontece a disputa e a negociação do espaço público. O único problema aí é a escolha das pessoas para discutir o assunto. O segundo aspecto diz respeito ao enfoque de pensar a Publicidade não apenas como vendedora de produtos, provocando uma discussão acadêmica da área, devendo estar também a serviço dos interesses sociais, pois ela espelha os problemas sociais. E o terceiro aspecto é sobre a questão inusitada que a professora trouxe ao falar de dois tipos de agentes, horizontes e universos sociais distintos, pesquisando as diferenças entre a BR e a capital”.

**Prof. MS Carlos Jahn, professor nas Ciências da Comunicação da Unisinos .**

## LIMITES ÉTICOS DA PESQUISA CIENTÍFICA

O Instituto Humanitas Unisinos convidou o professor Dr. Oswaldo Giacoia Junior, do Departamento de Filosofia da Unicamp, para apresentar, na próxima quinta-feira, dia 24 de junho, o evento **IHU Idéias**, que acontecerá das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. Na ocasião, o professor conduzirá o debate com o tema “Limites éticos da pesquisa científica: reflexões a propósito da genética”.

Oswaldo Giacoia Junior é graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP, é mestre em Filosofia também pela PUCSP, tendo sua dissertação o título *Discurso Filosófico e Discursos Científicos*. cursou doutorado em Filosofia pela Freie Universitat Berlin, na Alemanha, fez livre docência na Unicamp, produzindo a monografia *Esquecimento e Memória: Dramas do Destino da Alma*. Obteve um pós-doutorado na Universidade de Viena, na Áustria, e outro na Freie Universitat Berlin, da Alemanha.

É autor de, entre outros, **Os Labirintos da Alma. Nietzsche e a Auto-Supressão da Moral**. Campinas: Edunicamp, 1997; **Nietzsche como Psicólogo**. São Leopoldo: Unisinos, 2001; **Nietzsche - Para a Genealogia da Moral**. São Paulo: Editora Scipione, 2001; e **Nietzsche & Para Além de Bem e Mal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

## Ciclo de Estudos sobre o Brasil

A obra **Vidas secas**, de Graciliano Ramos, foi o objeto de estudo da última edição de **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, realizada dia 17 de junho. Quem conduziu o debate foi a Profª MS Célia Dóris Becker, das Ciências da Comunicação da Unisinos. Confira a entrevista sobre a obra de Graciliano Ramos que a professora concedeu na última edição do **IHU On-Line**, de número 105. Confira a opinião de quem prestigiou o evento:

### Ecoss do evento

“Achei muito bom, porque a professora situou de forma interessante a questão histórica com a abordagem social trazida pela obra. A literatura de Graciliano Ramos não é uma literatura de sorriso, ela mostra a realidade como ela é, provocando a consciência de quem lê”.

***Fernanda dos Santos, aluna do curso de Letras da Unisinos.***

“Eu já havia lido o livro e achei a apresentação da professora maravilhosa. A obra é fundamental, porque trata da questão universal sob o ponto de vista dos sonhos. Por mais infeliz que um ser humano seja, ele sempre vai ter um sonho. A obra nos remete à realidade atual, mesmo tendo sido escrita no século passado”.

***Patrícia Rosa, aluna do curso de Letras da Unisinos .***

## II Ciclo de Estudos sobre o Brasil

**Confira a programação do segundo módulo do II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, na Sala 1G119**

Data: 12 de agosto  
Livro: “O povo brasileiro”, de Darcy Ribeiro  
Profª Drª Ivete Keil – Professora na UNISINOS  
Horário: 14h às 17h.  
Local: Sala 1G119.

Data: 09 de setembro  
Livro: “Os parceiros do Rio Bonito”, de Antonio Candido  
Prof. Dr. Paulo Seben de Azevedo – Professor na UFRGS  
Horário: 14h às 17h.  
Local: Sala 1G119.

Data: 30 de setembro  
Livro: “Pedagogia do oprimido”, de Paulo Freire  
Prof. Dr. Danilo Romeu Streck – Professor na UNISINOS  
Horário: 14h às 17h.  
Local: Sala 1G119.

Data: 14 de outubro  
Livro: “O continente”, de Erico Veríssimo  
Profª. MS Eliana Inge Pritsch – Professora na UNISINOS  
Horário: 14h às 17h.  
Local: Sala 1G119.

Data: 04 de novembro  
Livro: “Grande sertão veredas”, de Guimarães Rosa  
Prof. MS Rogério Mosimann da Silva – Professor na UCPel  
Horário: 14h às 17h.  
Local: Sala 1G119.

Data: 18 de novembro  
Livro: "Dialética da colonização", de Alfredo Bosi  
Prof. Dr. Jaime Ginzburg – Professor na USP  
Horário: 20h às 22h.  
Local: Auditório Central.

## Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault

Durante a próxima edição do **Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault**, o professor Oswaldo Giacoia Junior será responsável pela temática "Foucault e a arqueologia da sociedade contemporânea". O evento acontece das 19h45min às 22h, no Auditório Central da Unisinos, numa promoção do IHU com a colaboração do PPG em Ciências Sociais Aplicadas e do PPG em Filosofia da Unisinos.

Oswaldo Giacoia Junior é graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP, é mestre em Filosofia também pela PUCSP, tendo sua dissertação o título *Discurso Filosófico e Discursos Científicos*. cursou doutorado em Filosofia pela Freie Universität Berlin, na Alemanha, fez livre docência na Unicamp, produzindo a monografia *Esquecimento e Memória: Dramas do Destino da Alma*. Obteve um pós-doutorado na Universidade de Viena, na Áustria, e outro na Freie Universität Berlin, da Alemanha.

É autor de, entre outros, **Os Labirintos da Alma. Nietzsche e a Auto-Supressão da Moral**. Campinas: Edunicamp, 1997; **Nietzsche como Psicólogo**. São Leopoldo: Unisinos, 2001; **Nietzsche - Para a Genealogia da Moral**. São Paulo: Editora Scipione, 2001; e **Nietzsche & Para Além de Bem e Mal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

O professor concedeu uma entrevista sobre Nietzsche ao **Jornal da Unisinos** ([www.ju.unisinos.br](http://www.ju.unisinos.br)), e outra sobre os temas que apresentará na Unisinos, na versão impressa do JU, que circulará na Universidade a partir de 23 de junho.

## Sítio do IHU. Mais de 20 mil acessos

O sítio do Instituto Humanitas Unisinos foi inaugurado no final de maio de 2003, por ocasião do *Simpósio Internacional: Água Bem Público Universal*. Mas foi somente a partir do dia 20 de julho de 2003 que a contabilização dos acessos à página foi iniciada. No último dia 15 de junho, ultrapassamos os 20 mil acessos. Mais precisamente hoje, temos contabilizados 20669 acessos. A página, além de toda a programação do IHU, da atualização diária, do boletim semanal **IHU On-Line**, oferece também outros serviços, como a orientação espiritual *online* recentemente inaugurado.

## A Era Vargas em questão 1954-2004

**A Era Vargas em questão** é o tema do Seminário Nacional que se realizará nos dias 23 a 25 de agosto de 2004 na Unisinos. O Seminário é uma promoção do Instituto Humanitas Unisinos e do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos que, por ocasião do cinquentenário da morte de Getúlio Vargas, querem debater o legado da Era Vargas. O evento tem como objetivo analisar criticamente a Era Vargas; refletir sobre o significado da Era Vargas para o desenvolvimento socioeconômico brasileiro; e descrever os principais aspectos econômicos,

sociais, educacionais, políticos e culturais da Era Vargas. O Seminário é dirigido à comunidade acadêmica da Unisinos e das escolas de Ensino Médio da região metropolitana de Porto Alegre. Será fornecido certificado de participação aos inscritos.

## Programa

### 23 de agosto

18h às 19h30min - Credenciamento

19h30min às 20h - Abertura

20h às 21h15min - Palestra: A Era Vargas: o seu impacto na história sócio-política brasileira – Prof. Dr. Luiz Werneck Vianna – IUPERJ

Coordenador da mesa: Prof. Dr. Werner Altmann - UNISINOS

21h15min às 22h - Debate

### 24 de agosto

9h às 10h15min – Era Vargas: seu contexto sócio-histórico, político e econômico – Prof. Dr. Marco Antonio Villa – UFSCAR

Coordenadora da mesa: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eloísa Capovilla da Luz Ramos - UNISINOS

10h15min às 10h30min – Intervalo

10h30min às 11h30min - Debate

14h às 17h – Oficinas:

OF001 Vargas e Perón: uma confluência no populismo e seu contraponto cardenista – Prof. Dr. Werner Altmann – UNISINOS – sala 1C108

OF002 A política educacional na Era Vargas – Profa. Dra. Berenice Corsetti – UNISINOS – sala 1C109

OF003 A cultura na Era Vargas – Profa. Dra. Eloísa Capovilla da Luz Ramos – UNISINOS – sala 1C110

OF004 Vargas, campo religioso brasileiro e identidade nacional – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia – UFSC – sala 1C111

19h45min às 21h15min – O modelo econômico da Era Vargas: impactos na sociedade brasileira - Prof. Dr. Pedro Dutra Fonseca – UFRGS

Coordenadora da mesa: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Berenice Corsetti - UNISINOS

21h15min às 22h - Debate

### 25 de agosto

9h às 10h15min – O Movimento Operário na Era Vargas: o movimento sindical, as greves e os partidos políticos – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana - UNIRIO

Coordenador da mesa – Prof. Dr. Inácio Neutzling - UNISINOS

10h15min às 10h30min – Intervalo

10h30min às 11h30min - Debate

14h às 15h30min – Depoimentos

Coordenador da mesa: Prof. MS Laurício Neumann - UNISINOS

14h às 14h30min - Lauro Hagemann

14h30min às 15h - João Aveline

15h às 15h30min - Debate

16h às 17h – Conferência: Getúlio Vargas e a revolução brasileira – Prof. Dr. Gilberto Vasconcellos - UFJF

Coordenador da mesa: Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira - UNISINOS

17h às 17h45min – Debate

20h às 21h15min - Conferência: Testemunho sobre o período Vargas – 1950-54 – Leonel de Moura Brizola – PDT (a confirmar)

Coordenador da mesa: Prof. Dr. Werner Altmann - UNISINOS

21h15min às 22h – Debate

**Evento paralelo:**

Exposição

Período: 23/08 a 22/09/04

Local: Espaço Cultural – Instituto Humanitas Unisinos - IHU

## IHU REPÓRTER



### Denise Bandeira da Silva

*IHU Repórter traz hoje a história de vida da professora Denise Bandeira da Silva, coordenadora do curso de graduação em Informática – Análise de Sistemas da Unisinos. Na entrevista a seguir, ela compartilha com os leitores do **IHU On-Line** suas experiências e fala sobre uma profissão tão técnica como a Informática, que, muitas vezes, assusta pela distância que mantém com a área humana.*

**Origens** – Nasci em Rio Grande. Toda minha família é de lá, por parte de pai e mãe. Quando eu tinha três anos, nos mudamos para Porto Alegre, depois de uma passagem por Torres. Meu pai era bancário, trabalhava no Banco Sul Brasileiro. Tenho uma irmã mais velha, que é formada em Recursos Humanos, e trabalha na Cooperativa dos Ex-Funcionários da CEEE, em Porto Alegre. Nosso núcleo familiar era pequeno em Porto Alegre, só nós quatro. Era sempre uma festa quando íamos para Rio Grande e reencontrávamos todos os parentes. Passávamos lá os finais de semana, feriados e férias de escola. Isso se manteve até eu entrar na faculdade. Mas ainda hoje mantemos uma forte relação com os parentes, apesar de a frequência de visitas ter diminuído.

**Formação** – Desde a primeira série do Ensino Fundamental até o final do Ensino Médio, estudei sempre na mesma escola, no Colégio São Pedro, em Porto Alegre, que é um colégio marista. Fiz vestibular e entrei no curso de Informática da PUCRS aos 16 anos. Formei-me aos 20 anos e em seguida ingressei no mestrado em Ciências da Computação na UFRGS. Foi tudo muito precoce e rápido.

**Profissão** – Em 1994, quando estava terminando o mestrado na UFRGS, ingressei como professora no curso de Informática da Unisinos. Ao mesmo tempo, iniciei dando aula na mesma área, na Ulbra, onde fiquei somente um ano. Sempre achei que não poderia ser professora, porque eu tinha uma certa dificuldade de explicar aquilo que eu entendia muito bem. Eu não conseguia fazer com que as pessoas entendessem. Fui superando isso e hoje acho que me dou bem, inclusive nas disciplinas mais básicas que exigem mais ainda essa capacidade de passar o conhecimento adiante. Foi algo que aprendi.

**Coordenação de curso** – Desde 1998, coordeno o curso de graduação em Informática – Análise de Sistemas. Ao receber o convite para a coordenação de curso, me senti muito feliz e recompensada. Ao trabalhar no dia-a-dia, muitas vezes não pensamos no resultado futuro que essa atividade vai trazer. É ótimo, quando vemos que um caminho construído resultou em algo concreto, em algo que não estávamos procurando... Só trabalhando bem para que algo bom acontecesse. E aconteceu. Desde o início, a experiência foi sempre desafiadora, por lidar com atividades novas, no trato com pessoas, com a questão do poder, da gestão. No início foi sofrido, porque eu não tinha preparação para um cargo de gestão. Fui aprendendo no decorrer do trabalho.

**Visão das conquistas** – Como tudo aconteceu muito rápido na minha vida, às vezes dá para pensar que tudo foi fácil, que conquistei as coisas num tremendo golpe de sorte. Durante muito tempo, pensei nisso e descobri que não foi fácil. O resultado veio depois de muita dedicação em tudo o que fiz. Eu percebo isso em outras pessoas também. A área da Informática, além de exigir vocação, exige muita dedicação, porque foge muito da questão humana. O profissional lida com o computador, uma máquina artificial que tem uma lógica de funcionamento completamente diferente da lógica humana. Sempre damos aos nossos alunos o exemplo da escovação dentária. Ninguém pensa no processo de escovar dentes, porque ele já é mecânico para nós. Mas se fôssemos ensinar um computador a escovar os dentes, ou seja, descrever um algoritmo para que ele realizasse esta atividade, seria preciso pensar nos mínimos detalhes. Na vida cotidiana, o ser humano não pensa isso. Ele faz. A dificuldade que as pessoas vêem na Informática vem muito daí.

**Família** – Fui casada e hoje estou divorciada. Casei-me com o Rogério no ano em que entrei na Unisinos e na Ulbra, em 1994, e enquanto terminava o mestrado. Foi um ano bem complicado. Nosso casamento terminou em 2000, mas somos hoje grandes amigos e ficou tudo bem entre nós. Não tivemos filhos.

**Autora:** Clarice Lispector. Ela tem uma força interna muito grande, que pode nos inspirar para viver com mais força num mundo cheio de complicações.

**Livro** – *Um sopro de vida*, de Clarice Lispector.

**Filme** – *Beleza Americana*, de Sam Mendes, marcou-me pela maneira como as pessoas vivem seu cotidiano, cada um com sua loucura pessoal.

**Presente** – Livros. Se a pessoa me conhece, vai me dar um livro que me ensine algo, ou que agrade, sendo um carinho ou um elogio.

**Nas horas livres** – Gosto de estar com os amigos, com crianças, com pessoas de quem eu gosto. Aproveitar bem as horas livres é fazer um programa com essas pessoas, como ir ao cinema ou fazer um jantar e recebê-las em casa.

**Um sonho** – Meu sonho é me ver bem e as pessoas à minha volta estarem bem também. Isso é suficiente.

**Momento marcante** – Minha formatura da graduação.

**Unisinos** – A Unisinos é, para mim, quase como uma casa. Estou sempre aqui, me dedicando muito. Hoje, principalmente na área da Informática, nós sentimos que a cada encontro, a cada evento de que participamos, vemos que a Unisinos está mais conhecida. E conhecida por mérito mesmo, não por publicidade. A Unisinos se torna conhecida por meio do trabalho das pessoas que a representam.

**IHU** – A Unisinos tem uma tradição de trabalho com projetos sociais e apoio à comunidade. Está havendo agora um grande esforço por parte do Instituto Humanitas, numa forma de organizar tudo isso. O próprio **IHU On-Line** é interessante, porque ele mostra não a Unisinos instituição, mas a Unisinos constituída por pessoas reais. O que falta é a comunidade acadêmica conhecer mais o IHU, e isso tem a ver com a correria do dia-a-dia. O IHU deveria promover atividades junto com as áreas, junto com setores, porque senão as pessoas não conhecem o que se faz. Há muita ação boa e bonita de que, se as pessoas conhecessem, poderiam participar e colaborar mais.

## Sala de Leitura



“Estou lendo **Ensinando com Tecnologia - Criando Salas de Aula Centradas nos Alunos**, de autoria de Judith Haymore Sandholtz, Cathy Ringstaff, e David C. Dwyer. Editora Artmed, 1997, 196 páginas. Este livro foi escrito com base no resultado de um projeto realizado por pesquisadores de universidades, professores de escolas públicas dos Estados Unidos e a Apple Computer, Inc., sobre o uso de tecnologias em salas de aula. A publicação é dividida em capítulos que apresenta: a mudança do ensino em sala de aula de forma expositiva, para atividades de construção do conhecimento; preocupações de professores que usaram a tecnologia em sala de aula; modelo de estágios da evolução da prática do professor; exame de como a tecnologia mudou a dinâmica das salas de aula; o desenvolvimento do trabalho em equipe entre os professores para promover discussões; o apoio das direções de escolas, órgãos públicos e professores; e o potencial da tecnologia no ensino e a aprendizagem”.

**Prof.ª Esp. Margarida Hammer, graduada e especialista em Matemática e professora nas Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos.**



“Estou lendo (entre outras obras) **Os enigmas do nome**, de Jorge Campos. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. Trata-se de obra nova deste professor da PUCRS. É excelente referência para os estudos de lógica, semântica e lingüística. Considero suas contribuições relevantes para os professores de comunicação, considerando a necessidade que temos todos, em especial os envolvidos com jornalismo, de compreendermos melhor a natureza da linguagem”.

**Prof. Dr. Jacques A Wainberg, graduado em História, mestre em Jornalismo, doutor em Ciências da Comunicação e professor nas Ciências da Comunicação da Unisinos.**



"Dedico-me, atualmente, à leitura da obra **Tróia: O romance de uma guerra**, de Cláudio Moreno. Porto Alegre: L&PM, 2004, 320 páginas. Como o próprio título diz, esta obra é um romance sobre a guerra entre troianos e gregos. Uma guerra decorrente do amor a uma mulher e que conseguiu unir os diversos povos gregos que até então viviam em disputas constantes. O autor, com base em seus estudos das obras gregas clássicas, narra a história da guerra, mesclando ao estilo homérico a forma de romance. O desenrolar dos fatos é apresentado em forma ordenada cronologicamente, permitindo uma leitura fácil. A partir da literatura e das lendas mitológicas, o autor apresenta, de maneira ágil, os principais acontecimentos dos bastidores da guerra e da própria guerra. Os personagens são 'deuses' caprichosos, mas profundamente humanos, os quais se pode amar ou odiar, admirar ou temer ou ser totalmente indiferente. A leitura deste livro proporciona momentos de aprendizagem, aventura e muito prazer".

**Prof.ª Dr.ª Elena Maria de Oliveira Diehl, graduada em História Natural, mestre, doutora e pós-doutora em Genética e Biologia Molecular e professora nas Ciências da Saúde da Unisinos.**

## Carta do leitor

Prezados,

Envio um comentário do professor de Ciências Sociais da UFPE, Paulo Henrique Martins, que julguei como pertinente forma de parabenizá-los pelo excelente trabalho que vêm desenvolvendo:

*"A questão é saber se quando se doa com o objetivo de aumento de produtividade, estamos ainda no registro da dádiva ou apenas do mercado. Pois quando se dá pensando apenas nos resultados econômicos, creio que, de fato, não está se dando, mas apenas querendo receber. Pois se a base da doação verdadeira é a espontaneidade do dar, não se pode calcular com antecedência o resultado da ação. Dá-se pelo prazer de dar, mesmo que isso signifique perda de produtividade ou prejuízo. Afinal o importante não é o resultado, mas a ação de realizar o sentido."*

**Guilherme John, professor e tradutor em Brasília – DF.**

### **EXPEDIENTE:**

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – , da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling ([inacio@bage.unisinos.br](mailto:inacio@bage.unisinos.br)). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz ([verasc@poa.unisinos.br](mailto:verasc@poa.unisinos.br)). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó ([soniam@bage.unisinos.br](mailto:soniam@bage.unisinos.br)), Pedro Luiz S. Osório ([osorio@bage.unisinos.br](mailto:osorio@bage.unisinos.br)) Mtb 4579, e Graziela Wolfart ([graziela@poa.unisinos.br](mailto:graziela@poa.unisinos.br)). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre ([mardile@centauro.unisinos.br](mailto:mardile@centauro.unisinos.br)). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuinfo@poa.unisinos.br](mailto:ihuinfo@poa.unisinos.br) . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br) . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS